



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LUCAS ROLIM GARRIDO

DESENVOLVIMENTO DE UMA ESCALA BRASILEIRA PARA AVALIAÇÃO DA
ASSERTIVIDADE SEXUAL

São Luís – MA

2026

LUCAS ROLIM GARRIDO

**DESENVOLVIMENTO DE UMA ESCALA BRASILEIRA PARA AVALIAÇÃO DA
ASSERTIVIDADE SEXUAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Guimarães Cardoso de Sá

São Luís – MA

2026

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Rolim Garrido, Lucas.

Desenvolvimento de uma escala brasileira para avaliação da assertividade sexual / Lucas Rolim Garrido. - 2026.
120 p.

Orientador(a): Lucas Guimarães Cardoso de Sá.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Psicologia/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís - Ma, 2026.

1. Sexualidade. 2. Habilidades Sociais. 3. Medidas Estatísticas. I. Guimarães Cardoso de Sá, Lucas. II. Título.

LUCAS ROLIM GARRIDO

**DESENVOLVIMENTO DE UMA ESCALA BRASILEIRA PARA AVALIAÇÃO DA
ASSERTIVIDADE SEXUAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão como requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Lucas Guimarães Cardoso de Sá (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Profa. Dra. Catarina Malcher Teixeira (1º Membro interno)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Profa. Dra. Valeria Estefania Moran (Membro externo)
Universidad Nacional de Río Cuarto – UNRC

Profa. Dra. Ana Deyvis Santos Araújo Jesuíno (Suplente)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

São Luís – MA

2026

Para o meu avô Garrido, que não pôde acompanhar de perto meus anos de mestrado, mas cuja presença e torcida foi, como sempre, sentida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que foram presentes nesses anos de mestrado, desde o processo seletivo até a conclusão. Nomeadamente, aos meus pais Joci e Fabiano, que sempre acreditaram, torceram e investiram o quanto puderam na minha formação. Vocês sempre foram meus maiores incentivadores e meus modelos de integridade, de esmero e de persistência. Que sorte é ser filho de vocês.

À minha irmã Jade, pela presença, compreensão, leveza e apoio de todas as ordens possíveis, principalmente emocional. Minha melhor companhia de todos os tipos de situações e lugares, dos dias bons e dos dias difíceis. Minha alegria.

À minha avó Rosilan, com quem tenho as melhores trocas. Um enorme porto seguro na minha vida desde que nasci, até hoje e para sempre. Vó, tu foste fundamental no meu desenvolvimento e educação e, como professora e primeira pessoa da família a concluir um mestrado, é um importante modelo para a minha a vida acadêmica.

Aos meus outros familiares, amigas e amigos que participaram de alguma forma da minha vida nesse período, proporcionando alegria, acolhimento, humor e, claro, entretenimento! Vocês são muito importantes.

Ao meu orientador, professor Lucas Sá, por ter conduzido as orientações de maneira criteriosa, ética e, ao mesmo tempo, muito generosa e sensível. Sou grato pela confiança que senti com a sua orientação desde o início. Aprendi com você sobre Psicometria e Avaliação Psicológica, mas também sobre como orientar com sabedoria e compromisso.

À banca examinadora, professoras Catarina Malcher e Valeria Moran, cujos comentários na qualificação foram um impulso para o aperfeiçoamento desta dissertação. À minha supervisora de estágio docente, professora Ana Deyvis, pela confiança e pelo aprendizado

durante a disciplina de Avaliação Psicológica. Aos professores do mestrado e também aos colegas, por ajudarem a tornar a experiência do mestrado ainda mais enriquecedora.

A todos os participantes dos quatro estudos desta pesquisa e às pessoas que ajudaram no compartilhamento dos formulários.

À CAPES, pela bolsa de fomento à pesquisa. Que outros possam usufruir desse incentivo, potencializando a produção acadêmica no país.

Resumo

A assertividade sexual diz respeito à expressão de desejos e limites em situações sexuais, e associa-se a importantes desfechos de saúde, bem-estar e qualidade relacional. Apesar de sua relevância, observa-se no Brasil uma escassez de instrumentos desenvolvidos para a avaliação desse construto. Diante disso, esta dissertação teve como objetivo desenvolver uma escala para a avaliação da assertividade sexual da população brasileira. A pesquisa foi conduzida em quatro estudos. No Estudo 1, foram construídos 57 itens com base na literatura e em entrevistas com seis pessoas adultas. Os itens foram submetidos a análises semântica e de conteúdo por 14 juízes, aplicação teste com nove pessoas adultas e refinamento com apoio de inteligência artificial. No Estudo 2, foram realizadas Análise Fatorial Exploratória (AFE) e Análise Gráfica Exploratória (EGA), com uma amostra de 300 participantes. No Estudo 3, realizou-se a Análise Fatorial Confirmatória (AFC) e a estimativa da fidedignidade, com uma amostra de 219 pessoas. A versão final da Escala de Assertividade em Situações Sexuais (EASEX) ficou composta por 30 itens e três fatores: recusa de ato sexual indesejado, prevenção a riscos sexuais e iniciação e comunicação para a satisfação, com cargas fatoriais de magnitude moderada a alta. Os coeficientes de fidedignidade variaram entre .64 e .85. No Estudo 4, investigaram-se evidências de validade convergente com uma amostra de 594 participantes. Análises de regressão linear múltipla indicaram predição de fatores da EASEX sobre o funcionamento sexual, a autoestima sexual, a satisfação sexual, a satisfação conjugal, a percepção da satisfação sexual do parceiro, a percepção da satisfação do parceiro com a relação, a autoestima geral, amor e conflito. A EASEX apresentou evidências de validade de conteúdo, validade convergente e consistência interna, mostrando-se promissora para a avaliação da assertividade sexual da população brasileira.

Palavras-chave: sexualidade; habilidades sociais; medidas estatísticas.

Abstract

Sexual assertiveness refers to the expression of desires and personal boundaries in sexual situations and is associated with important outcomes related to health, well-being, and relationship quality. Despite its relevance, there is a scarcity of instruments designed to assess this construct in Brazil. Therefore, this dissertation aimed to develop a scale to assess sexual assertiveness in the Brazilian population. The research was conducted across four studies. In Study 1, 57 items were developed based on a literature review and interviews with six adults. The items were subjected to semantic and content analysis by 14 judges, a pilot application with nine adults, and subsequent refinement supported by artificial intelligence. In Study 2, Exploratory Factor Analysis (EFA) and Exploratory Graph Analysis (EGA) were conducted with a sample of 300 participants. In Study 3, Confirmatory Factor Analysis (CFA) and reliability estimation were performed with a sample of 219 participants. The final version of the Assertiveness in Sexual Situations Scale (EASEX) comprised 30 items and three factors: refusal of unwanted sexual acts, prevention of sexual risks, and initiation and communication for sexual satisfaction. Factor loadings were of moderate to high magnitude, and reliability coefficients ranged from .64 to .85. In Study 4, evidence of convergent validity was examined using a sample of 594 participants. Multiple linear regression analyses indicated that EASEX factors predicted sexual functioning, sexual self-esteem, sexual satisfaction, marital satisfaction, perceived partner sexual satisfaction, perceived partner relationship satisfaction, general self-esteem, love, and conflict. Overall, the EASEX demonstrated evidence of content validity, convergent validity, and internal consistency, indicating that it is a promising instrument for assessing sexual assertiveness in the Brazilian population.

Keywords: sexuality; social skills; psychometric assessment.

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Validade de Conteúdo e de Estrutura Interna da EASEX.....	36
Tabela 2 - Cargas Fatoriais dos Itens após AFC.....	54
Tabela 3 - Índices de Ajuste nos Modelos Testados.....	60
Tabela 4 - Correlações entre os Fatores nos Dois Modelos.....	61
Tabela 5 - Fidedignidade em Cada Modelo e Fatores Propostos para a EASEX.....	62
Tabela 6 - Regressões Lineares Múltiplas Para Predição de Variáveis Sexuais, Relacionais e Psicológicas.....	71

Lista de Figuras

Figura 1 - Rede de Correlações entre os Itens da EASEX, obtida por meio de Análise Gráfica

Exploratória (EGA)49

Sumário

Desenvolvimento de um instrumento brasileiro para avaliação da assertividade sexual	14
Aspectos Éticos	23
Estudo 1- Construção da escala de assertividade sexual	24
Método	24
Delineamento	24
Participantes	24
Instrumentos	25
Procedimentos	26
Análise de dados	30
Resultados	31
Estudo 2- Explorando a estrutura interna da EASEX	41
Método	41
Delineamento	41
Participantes	41
Instrumentos	42
Procedimentos de coleta de dados	42
Análise de dados	43
Resultados	45
Estudo 3- Confirmando a estrutura interna da EASEX	50

	12
Método	50
Delineamento.....	50
Participantes.....	50
Instrumentos	51
Procedimentos de coleta de dados	51
Análise de dados	51
Resultados	52
Estudo 4- Evidências complementares de validade convergente para a EASEX.....	63
Método	63
Delineamento.....	63
Participantes.....	63
Instrumentos	65
Procedimentos de coleta de dados	69
Análise de dados	69
Resultados	70
Discussão	72
Considerações finais	87
Referências.....	90
ANEXO A.....	103
ANEXO B.....	105

ANEXO C.....	107
ANEXO D.....	108
ANEXO E.....	110
ANEXO F.....	111
ANEXO G.....	112
ANEXO H.....	116
ANEXO I.....	120

Desenvolvimento de um instrumento brasileiro para avaliação da assertividade sexual

Habilidades Sociais (HS) são classes de comportamentos que ocorrem nas relações interpessoais, valorizados em uma cultura, e que têm alta probabilidade de gerar consequências positivas para os indivíduos envolvidos na interação e para a comunidade (Del Prette & Del Prette, 2017). Na infância e ao longo dos anos seguintes, um indivíduo desenvolve constantemente seu repertório de HS a partir das interações com outras pessoas e com a cultura em que está inserido. Esse repertório permite que ele apresente comportamentos desejáveis nas inúmeras tarefas sociais que lhe são demandadas ao longo da vida, o que permite avaliar sua competência social (Del Prette & Del Prette, 2005; Del Prette & Del Prette, 2017).

Embora informalmente sejam tratadas como sinônimas, teoricamente as HS são um conceito descritivo e a competência social (CS) um conceito avaliativo. Nesse sentido, as HS se referem ao quanto de repertório aprendido e disponível para o desempenho um indivíduo possui, enquanto a CS é avaliação do desempenho do indivíduo diante de uma tarefa interpessoal específica, a partir da “aplicação” do seu repertório de HS (Del Prette & Del Prette, 2005; Del Prette & Del Prette, 2017).

Para se avaliar quão competente socialmente é um desempenho, deve ser considerado um conjunto de cinco critérios instrumentais e éticos: (1) se houve o alcance do objetivo da tarefa interpessoal, (2) se houve melhora da autoestima, (3) se houve melhora da qualidade da relação, (4) equilíbrio de poder entre os interlocutores e (5) respeito aos direitos humanos (Del Prette & Del Prette, 2017). Tanto o repertório de HS quanto a CS não devem ser entendidos como dicotômicos. Ou seja, não se deve compreender uma pessoa como alguém que possui ou não habilidades sociais ou como alguém que é ou não competente. Para ambas, a avaliação deve ser

feita a partir de um contínuo que varia entre níveis mais baixos e níveis mais elevados de HS e CS (Del Prette & Del Prette, 2019).

Apesar de o repertório de habilidades sociais ser requisito fundamental para a competência social, nem sempre um indivíduo com um bom repertório de HS alcança altos níveis de competência social (Del Prette & Del Prette, 2005; 2017). Alcançar níveis maiores de CS depende de fatores como: (a) reconhecimento dos próprios recursos e limitações, (b) discriminação dos comportamentos conforme demandam o momento, o lugar e o interlocutor, (c) fluência (ou forma) do comportamento, (d) monitoramento do desempenho enquanto ele estiver em curso e (e) resultados na tarefa interpessoal compatíveis com os critérios para avaliação da CS (Del Prette & Del Prette, 2017).

As habilidades sociais são estruturadas em 10 classes, categorizadas segundo a forma ou a função dos comportamentos a que se referem (Del Prette & Del Prette, 2017): (1) comunicação, (2) civilidade, (3) empatia, (4) assertividade, (5) expressão de solidariedade, (6) manejo e resolução de problemas interpessoais, (7) fazer e manter amizade, (8) expressar afeto e intimidade, (9) coordenar grupo e (10) falar em público. A depender do contexto, algumas classes podem ser mais requeridas que outras. Por exemplo, coordenar um grupo pode ser mais relevante em contexto de trabalho na vida adulta, enquanto fazer e manter amizade pode ser importante para um contexto escolar na adolescência.

Estudos apontam que as HS são relevantes porque colaboram para desfechos positivos na vida de uma pessoa. Por exemplo, maiores níveis de habilidades sociais estão relacionados a maior autoestima (Losa-Iglesias, 2018), melhor desempenho escolar (Elias & Amaral, 2016; Souza et al., 2021), menor impacto do estresse na adaptação acadêmica (Jardim & Soares, 2023) maiores níveis de suporte social e qualidade de vida (Ximenes et al., 2022), assim como a

menores níveis de ansiedade (Moeller & Seehuus, 2019), ansiedade social (Bolsoni-Silva & Loureiro, 2014), problemas de comportamento externalizantes (Elias & Amaral, 2016; Souza et al., 2021), hiperatividade (Souza et al., 2021) e depressão (Bolsoni-Silva & Loureiro, 2016; Moeller & Seehuus, 2019).

Neste trabalho, será investigada uma classe específica das HS, a assertividade. Essa classe está fundamentada no ideal de igualdade de direitos e deveres e de dignidade da pessoa humana, e diz respeito à afirmação de direitos e expressão de pensamentos e sentimentos de maneira apropriada e sem violar os direitos do outro (Del Prette & Del Prette, 2010; Lange & Jakubowski, 1976). A assertividade envolve a superação da passividade e o autocontrole da agressividade e, por implicar em risco de reação indesejável do interlocutor, é considerada uma habilidade relacionada ao enfrentamento (Del Prette & Del Prette, 2005; Del Prette & Del Prette, 2010). Del Prette e Del Prette (2017) dividem a assertividade em sete subclasses: (1) defender direitos próprios e direitos de outrem, (2) questionar, opinar, discordar, (3) fazer e recusar pedidos, (4) expressar raiva, desagrado e pedir mudança de comportamento, (5) desculpar-se e admitir falha, (6) manejar críticas e (7) falar com alguém que exerce papel de autoridade.

Por eventualmente não ser compreendido ou aceito, o comportamento assertivo implica na possibilidade de o interlocutor produzir consequências desagradáveis para o indivíduo que desempenha a tarefa social. Entretanto, a competência social pode ser ampliada quando o contexto, os componentes não verbais e os paralinguísticos são apropriados, e quando se utiliza da empatia (Del Prette & Del Prette, 2005). Dessa forma, o desempenho pode produzir consequências desejáveis e estas contribuirão para o próprio comportamento assertivo ser mantido ao longo do tempo. Por favorecer a resolução de problemas em situações sociais

aversivas, a assertividade é uma das classes mais importantes no campo teórico e prático das habilidades sociais (Teixeira et al., 2016).

Em consonância com o conceito de assertividade geral e com grande parte das subclasses da assertividade propostas por Del Prette e Del Prette (2017), destaca-se a assertividade aplicada a contextos que têm relação com o sexo. Zerubavel e Messman-Moore (2013) definem assertividade sexual como a capacidade de reconhecer, priorizar e expressar os próprios limites, necessidades e desejos em uma situação sexual.

As principais dimensões da assertividade sexual são: (1) iniciação de ato sexual desejado, que se refere a emitir comportamentos verbais ou físicos de iniciativa no sexo com a/o parceira/o; (2) recusa de ato sexual indesejado, que implica em recusar, parar ou interromper um ato sexual em qualquer momento do sexo; (3) insistência no uso do preservativo, relacionado a lembrar ou pedir a/ao parceira/o para que seja usado preservativo durante o sexo ou resistir a qualquer insistência para o sexo desprotegido (Morokoff et al., 1997); (4) comunicação sobre a satisfação e os desejos sexuais, que trata sobre verbalizar para a/o parceira/o sexual aquilo que se deseja, necessita ou espera no sexo ou dar feedbacks sobre o quanto se está satisfeita/o (Hurlbert, 1991; Quina et al., 2000; Loshek & Terrell, 2014); e (5) comunicação sobre os riscos sexuais (Quina et al., 2000; Loshek & Terrell, 2014), sobre falar com a/o parceira/o sobre o histórico dela/dele em relação aos cuidados que teve ou não com infecções sexualmente transmissíveis (ISTs).

Mais recentemente, Gil-Llario et al. (2022) propuseram uma dimensão voltada a medir comportamentos de agressividade na relação sexual, considerando que a assertividade se encontra em um ponto intermediário de um continuum que vai da passividade à agressividade (Del Prette & Del Prette, 2005). Ambos os polos extremos envolvem dificuldades de

relacionamento e são tratados como baixa assertividade, por excluir características fundamentais do construto. Na passividade, a expressão de pensamentos e sentimentos e, na agressividade, o respeito a direitos do interlocutor. Gil-Lario et al. (2022) nomearam o fator referente à agressividade sexual como “comportamento excessivamente assertivo na iniciação”. Contudo, nesta dissertação, essa dimensão será chamada de “comportamento hostil”, para manter maior coerência com a literatura utilizada, que não considera que comportamentos do polo da agressividade possam ser nomeados como “muito assertivos”. Os comportamentos dessa dimensão são de baixa assertividade sexual, uma vez que pertencem ao polo da agressividade, com todos os itens construídos a partir dela funcionando na escala de assertividade com sentido invertido.

Estudos mostram que a assertividade sexual está associada a fatores psicosexuais ou relacionais. Livingston et al. (2007) verificaram que mulheres que sofreram vitimização na adolescência estiveram mais propensas a apresentar uma menor habilidade para recusar sexo indesejado na fase adulta. E que uma menor habilidade de recusa na fase adulta foi preditora de experiência de vitimização posterior. Ou seja, os dados sugerem haver uma relação recíproca entre assertividade sexual e vitimização sexual, em que um influencia o outro: vitimização sexual prediz futuramente uma menor assertividade de recusa e esta, por sua vez, prediz maior vulnerabilidade à vitimização sexual.

Schry e White (2013) também identificaram relação de direção negativa significativa entre a assertividade de recusa e a vitimização sexual relacionada a experiências de contato sexual indesejado, coerção e estupro. As autoras levantam a hipótese de que isso pode ocorrer porque algumas mulheres têm maior dificuldade de apresentar comportamentos assertivos diante de práticas coercitivas ou forçadas. Aqui destaca-se a tentativa na literatura de se identificarem

habilidades atenuadoras da vitimização sexual, nunca de responsabilizar a vítima. Sobre o caminho contrário, ou seja, como a vitimização altera a assertividade sexual, o estudo de Zerubavel e Messman-Moore (2013) pode fornecer alguma pista, ao evidenciar que mulheres com histórico de vitimização sexual apresentaram maiores níveis de medo da impotência sexual (ou seja, percepção de falta de controle em situações sexuais) comparativamente às mulheres que não haviam sofrido vitimização sexual.

A literatura tem mostrado que a assertividade sexual é um construto importante para resultados positivos na vida de uma pessoa. Esse conceito se refere a um bom funcionamento mental, físico e social, a uma sensação de bem-estar ou à sobrevivência (Parrish, 2010). Maior repertório de AS tem sido relacionado a maior satisfação sexual (Hurlbert, 1991; Zhang et al., 2022; May & Johnston, 2022), maior satisfação conjugal (Morokoff et al., 1997; Zhang & Yip, 2018), maior autoestima sexual (Torres-Obregon et al., 2019), menor percepção de falta de controle em situações sexuais (menor medo da impotência), maior regulação emocional (Zerubavel & Messman-Moore, 2013), maior autoestima (May & Johnston, 2022), maior poder social na organização profissional (Lammers & Stockers, 2019), maior percepção de que os pais inculcaram valores que favorecem a assertividade em situações sexuais (Gil-Llario et al., 2022), e melhor funcionamento sexual feminino, em aspectos como desejo, excitação, orgasmo e satisfação (Couture et al., 2022; Pereira, 2021). Maior AS de fator negociação de preservativos apresentou relação com maior autoestima corporal (Auslander et al., 2012).

Por outro lado, um baixo repertório de AS tem sido relacionado a maior frequência de sexo desprotegido (Morokoff et al., 2009; Uribe et al., 2013), gravidez na adolescência (Moyano et al., 2021) e vitimização sexual (Santos-Iglesias & Sierra, 2012; Morokoff et al., 2009; Livingston et al., 2007). Menor assertividade de recusa e menor insistência no uso do

preservativo relacionaram-se com a expectativa de uma reação negativa do parceiro ao uso de preservativo (Morokoff et al., 1997). Menor assertividade de recusa relacionou-se a maior perfeccionismo sexual em mulheres, principalmente o perfeccionismo prescrito pelo parceiro (Kluck et al., 2018).

No Brasil, observa-se uma lacuna considerável de estudos sobre assertividade sexual e seus desfechos, de modo que pouco se sabe sobre esse construto na população brasileira. Essa lacuna contrasta com dados que apontam elevada ocorrência de violência sexual (Ministério da Saúde, 2024), altas taxas de contaminação por ISTs (Ministério da Saúde, 2025), além de relatos frequentes de gravidez não planejada (Nilson et al., 2023) e de disfunção sexual (Wolpe et al., 2017). Esse cenário reforça a necessidade de ampliar as investigações sobre a assertividade sexual no país.

Um motivo para a baixa produção pode ser a escassez de instrumentos capazes de avaliar a assertividade sexual. Teixeira et al. (2016) já destacavam o baixo número de publicações nacionais no formato de artigos ou capítulos de livros sobre assertividade, citando como um possível entrave a escassez de instrumentos. Os autores apontaram, então, para a necessidade de estudos que se voltassem a construí-los, validá-los e refiná-los.

A maioria das pesquisas sobre assertividade sexual é realizada no exterior, onde foram produzidos alguns instrumentos. Algumas ferramentas disponíveis são a Sexual Assertiveness Scale (SAS) (Morokoff et al., 1997), o Hurlbert Index of Sexual Assertiveness (HISA) (Hurlbert, 1991), a Assertive Sexual Communication Scale (ASCS) (Quina et al., 2000) e o Assertiveness Questionnaire (SAQ) (Loshek & Terrell, 2014) e o Assertiveness in Sexual Relations Questionnaire (ASRQ) (Gil-Llario et al., 2022).

A SAS (Morokoff et al., 1997) aborda comportamentos de iniciação de sexo desejado, recusa de sexo indesejado e proteção a doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez, em itens como: “eu inicio o sexo com a minha parceria se eu quiser”, “se eu disse não, não permito que minha parceria toque meus genitais, mesmo se ele(a) me pressionar” e “eu faço sexo sem camisinha (sem proteção) se minha parceria não gostar de usá-las, mesmo que eu queira usar”. Contudo, a escala deixa de fora aspectos da comunicação verbal.

O HISA (Hurlbert, 1991) inclui aspectos importantes da comunicação em itens como “comunico meus desejos sexuais à minha parceria” e “quando uma técnica não parece boa, eu conto à minha parceria”, entretanto, não inclui a negociação para o uso do preservativo. A ASCS (Quina et al., 2000) também enfatiza a comunicação, dividindo-a em duas dimensões: comunicação sobre satisfação/desejos sexuais e a comunicação sobre o histórico sexual. Nesse último fator, o instrumento se refere à verificação de riscos, em itens como “eu perguntaria se quisesse saber se minha parceria já fez o teste de HIV e “eu perguntaria se quisesse saber se minha parceria já teve uma doença sexualmente transmissível”. Contudo, o ASCS é um instrumento estritamente sobre a comunicação assertiva verbal, não incluindo outros elementos da assertividade sexual.

O Sexual Assertiveness Questionnaire (SAQ) (Loshek & Terrell, 2014) foi desenvolvido com o intuito de abordar a assertividade sexual de forma mais completa, incluindo os fatores e itens das três escalas citadas acima. Nagy et al. (2025) obtiveram êxito ao testar a invariância de uma versão de 9 itens da escala em diferentes gêneros, orientações sexuais, status de relacionamento, países e idiomas, permitindo comparações nesses aspectos, inclusive transculturais. Entretanto, o SAQ exclui a negociação para o uso do preservativo.

O ASQR (Gil-Llario et al., 2022) divide as dimensões de uma maneira diferente de todos os instrumentos anteriores. Os fatores são: comportamento assertivo na iniciação, comportamento subassertivo, comportamento assertivo na resposta e comportamento excessivamente assertivo na iniciação (tratado neste trabalho como comportamento hostil). Os aspectos positivos da escala foram ter incluído itens invertidos que representam agressividade em vez de apenas a passividade, ter incluído itens mais específicos do que os das outras escalas, cobrindo diferentes porções do construto, e ter se destinado a todas as pessoas, independentemente da orientação sexual e de gênero. Os outros instrumentos supracitados priorizaram, em sua confecção e versões originais, as mulheres como público-alvo. Entretanto, o instrumento uniu em um único fator comportamentos de recusa de sexo indesejado e comportamentos de insistência no preservativo. Esse fator único foi chamado de “comportamento assertivo na resposta” e conteve apenas itens representando a alta assertividade, sem conteúdos invertidos que mensuram baixa assertividade. Essa junção de duas dimensões incluídas repetidamente em estudos de forma separada pode dificultar estudos comparativos entre diferentes culturas e pode não ser interessante para estudos que se dediquem exclusivamente a investigações sobre a vitimização sexual ou sobre a prevenção contra comportamentos sexuais de risco.

O único instrumento adaptado para o Brasil até o momento é o SAS, por Pereira (2021). Contudo, além das limitações já mencionadas, é preciso considerar que instrumentos utilizados no Brasil produzidos no exterior podem ser influenciados por valores e comportamentos específicos da cultura de onde foram produzidos (Cassep-Borges et al., 2010). Quando adaptados, podem deixar de captar especificidades locais. Por isso, justifica-se que sejam construídos instrumentos com base em aspectos próprios da cultura e população brasileira.

Ressalta-se, assim, a relevância de um instrumento desenvolvido diretamente para a população brasileira, que abranja já em sua construção perspectivas de diferentes gêneros e orientações sexuais, capazes de representar melhor a assertividade sexual na atualidade. É pertinente também a inclusão de itens baseados na maioria das principais dimensões descritas em outras escalas (iniciação de ato sexual desejado, recusa de ato sexual indesejado, insistência no uso do preservativo, comunicação sobre a satisfação sexual e os desejos sexuais, comunicação sobre os riscos sexuais e comportamento hostil), para que se cubra maiores porções do construto.

Portanto, o objetivo geral desta dissertação foi desenvolver uma escala brasileira de avaliação da assertividade sexual. Os objetivos específicos foram divididos em quatro estudos. No estudo 1, foram contemplados os seguintes objetivos específicos: (a) construir itens para avaliação da assertividade sexual; e (b) analisar a qualidade semântica e de conteúdo dos itens. No estudo 2, o objetivo foi: (c) investigar a validade de estrutura interna do instrumento. No estudo 3: (d) confirmar a validade de estrutura interna e (e) medir a fidedignidade da escala. E, no estudo 4, o objetivo foi: (f) verificar validade de convergência com outros construtos.

Aspectos Éticos

A pesquisa foi submetida à Plataforma Brasil com o CAAE 80728024.5.0000.5087 e aprovada com parecer liberado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Maranhão (CEP-UFMA). Antes do preenchimento dos instrumentos, os participantes tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A), o que está de acordo com a Resolução nº 466/12, com a Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e com o Ofício Circular nº 2/2021 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que tratam da ética na pesquisa em ciências humanas e sociais (CNS, 2012; CNS, 2016; CONEP, 2021).

Estudo 1- Construção da escala de assertividade sexual

Este estudo teve como objetivos específicos construir itens para avaliação da assertividade sexual e analisar a qualidade semântica e a validade de conteúdo desses itens.

Método

Delineamento

Este foi um estudo de abordagem quantitativa, transversal (Hochman et al., 2005; Marin et al., 2021) e instrumental (Montero & León, 2007).

Participantes

Das entrevistas para elaboração dos itens

Foram entrevistadas seis pessoas adultas que se descreviam como sexualmente ativas: (1) uma mulher que estava, no momento da entrevista, em um relacionamento heterossexual; (2) uma mulher que estava em um relacionamento homossexual; (3) um homem em um relacionamento heterossexual; (4) dois homens em um relacionamento homossexual e (5) um homem homossexual solteiro. Todos eram cisgênero e tinham idades entre 20 e 35 anos.

Da análise semântica dos itens elaborados

Responderam ao formulário de análise semântica sete pessoas adultas. Do total, quatro cursavam mestrado no momento da pesquisa, uma cursava a graduação e dois eram doutores. O critério de os participantes estarem em graus de escolaridade acima do ensino médio completo foi adotado por facilitar o recrutamento de pessoas com boa capacidade de compreensão de texto.

Da análise teórica do conteúdo dos itens elaborados

Responderam ao formulário de análise de conteúdo sete psicólogas/os. Quatro tinham especialidade em habilidades sociais, um tinha em psicometria e dois em psicoterapia de casais.

Essas especialidades foram priorizadas na seleção de participantes devido à sua relação com o construto da assertividade ou com a construção de instrumentos psicométricos.

Da aplicação-piloto

Nove pessoas, com idades entre 18 e 56 anos, que se descreviam como sexualmente ativas. Das seis mulheres que participaram, duas se reconheciam como heterossexuais, três como bissexuais e uma como homossexual. Dos três homens que participaram, dois se reconheciam como heterossexuais e um como homossexual. Quatro participantes eram graduados, um estava em um curso de graduação, uma havia completado o ensino médio, uma estava em um curso de mestrado e duas eram mestras.

Instrumentos

Roteiro de entrevista semiestruturada para elaboração de itens

A cada entrevistado eram feitas perguntas (Anexo B) com o objetivo de se obterem descrições de comportamentos de alta e baixa assertividade sexual. As perguntas, abertas, deveriam suscitar relatos dos entrevistados sobre situações de suas próprias vidas sexuais ou de outras pessoas. Os tópicos abordados foram: exemplos de situações conhecidas em que alguém teve dificuldade de comunicar no sexo aquilo que queria; situações indesejadas no sexo mais fáceis ou mais difíceis de recusar com o(a) parceiro(a); tópicos sexuais mais fáceis e mais difíceis de conversar com o parceiro; como o histórico sexual em relação à prevenção contra ISTs poderiam ser abordadas em uma conversa; o que o(a) entrevistado(a) considerava importante falar e fazer para que parceiros(as) sexuais tivessem maior satisfação sexual; e quais eram os comportamentos sexualmente assertivos que o(a) entrevistado(a) gostaria de desenvolver mais.

Formulário de análise semântica dos itens

Neste formulário (Anexo C), cada item foi apresentado e acompanhado de uma pergunta sobre a sua qualidade semântica. A pergunta deveria ser respondida em uma escala linear de 0 (*nada*) a 10 (*totalmente*), representando-se o quanto a frase do item estava bem redigida, organizada e de fácil compreensão para o público-alvo pretendido. Além de estipular uma nota, os juízes tinham a possibilidade de reescrever o item de forma que ele ficasse mais bem escrito e mais compreensível para o público-alvo.

Formulário de análise do conteúdo teórico dos itens por juízes especialistas

Neste formulário (ver Anexo D), cada item era apresentado e duas perguntas sobre ele eram apresentadas: o quanto o item representava o construto da assertividade sexual e o quanto o comportamento descrito era relevante para a vida das pessoas. A avaliação foi feita por uma escala ordenada gradual entre 0 (*nada*) e 5 (*totalmente*). Após atribuição do valor, os juízes especialistas tinham a possibilidade de escrever sugestões para melhorar a representação ou compreensão de cada item, considerando o público-alvo.

Procedimentos

De construção de itens

Pasquali (2010) descreve a literatura e a entrevista como fontes importantes para a construção de itens de novos instrumentos psicométricos. Ambas foram utilizadas nesta etapa. Itens do instrumento preliminar foram elaborados a partir de definições teóricas dos construtos da assertividade (Del Prette & Del Prette, 2010; Lange & Jakubowski, 1976) e da assertividade sexual (Zerubavel & Messman-Moore, 2013), e de dimensões existentes em instrumentos de assertividade sexual desenvolvidos anteriormente (Gil-Llario et al., 2022; Hurlbert, 1991; Loshek & Terrell, 2014; Morokoff et al., 1997; Quina et al., 2000). As dimensões tomadas como parâmetro para a elaboração dos itens foram: (1) comunicação sobre a satisfação sexual e os

desejos sexuais, (2) iniciação de ato sexual desejado, (3) recusa de ato sexual indesejado, (4) comunicação sobre os riscos sexuais, (5) insistência no uso de preservativo e (6) comportamento sexual hostil.

Após a redação dos itens por meio da literatura, seis pessoas entrevistadas foram selecionadas por conveniência e responderam às perguntas do roteiro de entrevista semiestruturada apresentado anteriormente. O objetivo das entrevistas foi obter descrições de comportamentos que representassem a assertividade sexual, mas que não haviam sido captados a partir da literatura. Os convites ocorreram por *WhatsApp*, as entrevistas, gravadas com a autorização dos participantes, foram realizadas via *Google Meet* e tiveram duração entre 25 e 60 minutos.

Para a elaboração dos itens, foram seguidos os critérios para a construção dos itens listados por Pasquali (2010): cada item deve expressar um comportamento, uma única ideia, deve ser inteligível para todos os grupos sociais, referir-se exatamente ao construto definido - e não a outros construtos - e deve ser distinto dos demais itens que cobrem o mesmo contínuo. Os itens não devem conter repetidamente uma mesma sentença, conter frases extremadas, com figuras de linguagem, ou uma formulação que soe infantil. Além disso, em conjunto os itens devem cobrir todas as porções da variável e todos os graus de dificuldade.

De análise semântica e da validade de conteúdo

Após a construção dos itens, Pasquali (2010) sugere como procedimentos a análise semântica e a análise de validade de conteúdo. Essas análises dizem respeito, respectivamente, à avaliação sobre a qualidade da forma do texto e à avaliação sobre a representatividade e relevância do item em relação ao construto de interesse.

Os sete juízes da análise semântica foram selecionados por conveniência e contatados através de *Instagram e WhatsApp*. Ao aceitarem a participação, receberam um link para responderem ao formulário da análise semântica no *Google Forms*.

Após esta etapa ser concluída, os sete juízes especialistas responsáveis pela análise de validade de conteúdo foram selecionados e abordados de forma semelhante. Receberam e responderam ao formulário de análise de validade de conteúdo, em que fizeram uma avaliação teórica sobre a representatividade e a relevância dos itens.

Da aplicação teste

Encerrada a análise da validade de conteúdo dos itens, foi realizado um teste de funcionamento da escala diretamente com o público-alvo do instrumento. Pasquali (2010) defende a aplicação teste como um teste de funcionalidade do grau de compreensão, de facilidade de leitura dos enunciados e dos itens e do tempo necessário para os participantes responderem.

Cada uma das nove pessoas selecionadas para essa etapa respondeu ao instrumento de forma on-line, com o envio pelo *Google Forms*, durante uma chamada de vídeo pelo *Google Meet* realizada apenas entre o participante e o entrevistador. Na chamada, o tempo de resposta ao instrumento foi medido e, ao final, cada participante foi entrevistado para relatar suas impressões sobre a facilidade e fluidez de leitura dos enunciados e dos itens, sobre o *layout* do questionário, sobre o grau de entendimento acerca dos termos utilizados e sobre eventuais sentimentos que ocorriam durante as respostas. Quando não havia mais apontamentos ou sugestões, a chamada era concluída.

Após cada aplicação, eram feitos os ajustes sugeridos pelo participante, por isso, a entrevista com o participante seguinte era agendada e realizada apenas após as modificações

decorrentes da entrevista anterior. Esta etapa de teste de aplicação com o público-alvo foi encerrada quando não houve mais sugestões de alteração.

Do uso de inteligência artificial para refinamento dos itens

Após a aplicação teste, foi utilizada inteligência artificial (IA) para refinamento da qualidade semântica da redação dos itens e de adequação do conteúdo do item às dimensões teóricas descritas na literatura. Beghetto et al. (2025) recomendam o uso dos Modelos de Linguagem de Grande Escala (LLMs) como forma de auxiliar na redação dos itens, na identificação de inconsistências e na economia de recursos durante o desenvolvimento de novas escalas psicométricas. Os autores destacam o potencial dos LLMs devido à grande quantidade de dados textuais que esses modelos têm para compreender e interagir. Entretanto, recomendam que a IA seja usada apenas de forma complementar, nunca de forma isolada e que seja mantida a supervisão humana para evitar o viés da automação (Beghetto et al., 2025). Nesta pesquisa, o modelo utilizado para gerar os dados foi o GPT-4 da OpenAI. Por meio deste modelo, foram utilizados os seguintes comandos:

1. Comando 1, criado para esta pesquisa: Eu quero que você simule ser um especialista em Língua Portuguesa escrita no Brasil. Para cada um dos itens de um teste que avalia assertividade sexual que eu vou apresentar, eu quero que você atribua uma nota entre 0 e 10 para o quanto você avalia que o item possui uma redação clara, que pode ser compreendida por uma pessoa que possui pelo menos 10 anos de escolaridade formal no Brasil.
2. Comando 2, criado por Beghetto et al. (2025) e adaptado para esta pesquisa: Analyze whether each of the 57 items belonged to the same linguistic universe as the factor label and definition. “Iniciação de ato sexual desejado” se refere a

emitir comportamentos verbais ou físicos de iniciativa no sexo com o parceiro.

“Recusa de ato sexual indesejado” se refere a recusar, parar ou interromper um ato sexual em qualquer momento do sexo. “Insistência no uso do preservativo” se refere a lembrar ou pedir ao parceiro para que seja usado preservativo durante o sexo ou resistir a qualquer insistência para o sexo desprotegido. “Comunicação sobre a satisfação e os desejos sexuais” se refere a verbalizar para o parceiro sexual aquilo que se deseja, necessita ou espera no sexo ou dar feedbacks sobre o quanto se está satisfeito. “Comunicação sobre os riscos sexuais” se refere a falar com a/o parceira/o sobre o histórico dela/dele em relação aos cuidados que teve ou não com infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). “Comportamento hostil” se refere à expressão excessivamente hostil de desejos, pensamentos e opiniões.

3. Comando 3, criado por Beghetto et al. (2025) e adaptado para esta pesquisa: Can you tell me all the items that do not fit well in just one of the definition categories? What are they and why do you think that they do not fit well in just one category?

Análise de dados

As notas brutas da análise semântica, das análises de conteúdo e da nota atribuída pela IA foram analisadas por estatística descritiva, calculando-se a média das notas dadas pelos juízes e pelo modelo LLM. Além disso, foi calculado o coeficiente *V* de Aiken, um índice que varia de 0 a 1 e indica o grau de validade de conteúdo de cada item, a partir da avaliação dos juízes humanos (Aiken, 1980; 1985). Foram excluídos itens com valores de *V* de Aiken abaixo de .70 no valor absoluto, conforme o padrão em nível conservador, e abaixo de .50 no valor mínimo do intervalo de confiança, conforme o padrão em nível liberal, seguindo-se as indicações de Soto e

Segovia (2009). Utilizou-se um intervalo de confiança (CI) de 95%. Os itens que tiveram um valor igual ou acima do mínimo foram mantidos no instrumento. Na etapa de refinamento por IA, itens com nota abaixo de sete na avaliação da qualidade da redação e itens com indicação de sobreposição de categorias teóricas foram reavaliados pelos autores para consideração sobre possibilidade de exclusão das análises seguintes.

Resultados

Construção dos itens

Foram construídos 57 itens no total, sendo 45 gerados a partir da literatura e 12 a partir das entrevistas. Os itens foram elaborados a partir das dimensões teóricas e psicométricas presentes em outros instrumentos de assertividade sexual. Do total, 21 itens tiveram como base a dimensão “comunicação sobre a satisfação sexual e os desejos sexuais” (seis a partir das entrevistas), sete tiveram como base a dimensão “iniciação de ato sexual desejado” (todos a partir da literatura), 13 tiveram como base “recusa de ato sexual indesejado” (um a partir das entrevistas), quatro tiveram como base a “insistência no uso de preservativo” (um a partir da entrevistas), quatro basearam-se na “comunicação de riscos sexuais” (todos a partir das entrevistas) e oito basearam-se na dimensão do comportamento hostil (todos a partir da literatura). Do total, 30 itens tiveram a redação reversa, escritos de forma a representar o polo de baixa assertividade sexual, tanto a passividade quanto a agressividade.

Análise semântica

Na análise semântica, a qualidade da escrita dos itens atribuída pelos juízes teve uma média de 9.72 ($DP = 0.43$). O item com a avaliação mais baixa obteve V de Aiken .81 (95%IC [.71, .89]) e os itens com a avaliação mais alta obtiveram o valor máximo de 1. (95%IC [.95, 1.]). Nenhum item foi excluído ao ser considerado o valor mínimo de .70 no valor absoluto e .50 no

valor mínimo do intervalo para a manutenção do item no instrumento. Os resultados podem ser vistos na Tabela Suplementar 1, disponível em <https://osf.io/ehbt7/files/br8fy>.

A redação de 28 itens foi alterada com base nas sugestões dos juízes. As alterações incluíram a substituição de termos menos utilizados por termos mais simples, tempos verbais modificados, a substituição de termos mais gerais por termos mais específicos ou exatos para expressar uma ideia; alterações na ordem das frases das orações, para haver mais variação na leitura; e mudanças na estética visual das frases (e.g.: o uso de parênteses e barra oblíqua, para indicar a inclusão do gênero masculino e feminino, substituídos pelo uso exclusivo da barra oblíqua, no sentido de haver uniformização e maior fluidez de leitura). As alterações detalhadas podem ser vistas na Tabela Suplementar 1.

Análise teórica do conteúdo dos itens

Na análise teórica do conteúdo, a representatividade dos itens em relação ao construto obteve um valor médio de 4.46 ($DP = 0.65$) e a relevância dos itens de 4.66 ($DP = 0.23$). Os itens com as avaliações mais baixas em representatividade e em relevância obtiveram V de Aiken, respectivamente, de .20 (95% CI [.10, .36]) e .74 (95% CI [.58, .86]). Os itens com a avaliação mais alta, em ambos os quesitos, obtiveram o valor máximo 1. (.90, 1.). Três itens (37, 45 e 49) foram excluídos das análises seguintes por terem V de Aiken abaixo de .70 no valor absoluto (ver parte dos resultados na Tabela 1 e resultados completos na Tabela Suplementar 1). Outros 19 itens foram alterados, sem exclusão, com base nas sugestões semânticas dos juízes. As alterações incluíram: mudanças na ordem das frases das orações; substituições de preposições, para maior variação na leitura (e.g.: “se” por “quando”); acréscimo de termos que incluíam no item a dimensão ética da assertividade (e.g. “conduzo respeitosamente” em vez de apenas “conduzo”); acréscimo de frases que tornam o sentido do item mais claro ou específico;

substituição de termos que indicassem comportamentos em vez de sentimentos, (e.g. “brigo” em vez de “fico com raiva”), já que o construto envolve comportamentos relacionais (ver mais detalhes na Tabela Suplementar 1).

Aplicação teste

Inicialmente foi definido que a escala de resposta aos itens teria seis pontos, podendo ser endossados por meio de uma escala ordenada gradual pontuada de 0 a 5 pontos. Conforme a sua redação, alguns itens receberam um rótulo de resposta de frequência entre “0-*nunca*” e “5-*sempre*”. Outros um rótulo em formato Likert, de grau concordância, de “0-*discordo totalmente*” a “5-*concordo totalmente*”. Para a etapa da aplicação teste, foi usada a versão da escala com os 54 itens que permaneceram após a etapa de validade de conteúdo.

O tempo de resposta ao instrumento variou entre 10 e 27 minutos. Os entrevistados sinalizaram como pontos fortes a organização do formulário, a clareza dos itens e dos enunciados e a amplitude do instrumento. Como pontos a serem ajustados, foram citados a elevada quantidade de itens, a semelhança entre alguns deles, o layout horizontal dos níveis da escala e algumas expressões utilizadas que pareciam inadequadas ou pouco inclusivas. Foram sugeridas perguntas adicionais para o questionário de caracterização sociodemográfica.

Não houve exclusão de itens nesta etapa. Contudo, alterações foram implementadas. Uma delas, na forma como os níveis da escala de resposta estavam dispostos no formulário. Estes estavam horizontais para o leitor e com legenda apenas nos níveis mais baixo e mais alto da escala, e passaram a estar verticais e todos os rótulos dos níveis a apresentar legenda. Outra, uma mudança de expressões utilizadas. Por exemplo, foi retirado o uso da palavra “camisinha” em quatro itens, uma vez que uma participante da aplicação teste sinalizou que existem outros tipos de preservativo, usados em dinâmicas relacionais diversas. Foram incluídas expressões como

“com proteção” e “sem proteção”, acompanhadas de uma legenda citando os tipos de preservativo mais comuns, entre os quais está a camisinha. Tal opção pareceu mais inclusiva. Os resultados completos podem ser vistos na Tabela Suplementar 1.

Refinamento por inteligência artificial (IA)

Na etapa do refinamento por IA, a nota média para o nível de qualidade semântica dos 54 itens foi de 9.83 ($DP = 0.38$). A partir do comando para que a IA organizasse quais itens pertenciam a quais categorias, 19 itens ficaram na categoria “comunicação sobre a satisfação e os desejos sexuais”, quatro em “insistência no uso de preservativo”, quatro em “comunicação de riscos sexuais”, cinco em “comportamento hostil”, seis em “iniciação de ato sexual desejado” e 16 em “recusa de ato sexual indesejado”. Os resultados completos podem ser vistos na Tabela Suplementar 1. Apenas para as três últimas categorias houve divergência com a proposta de distribuição baseada na literatura. Originalmente, para essas categorias, foram pensados respectivamente, oito, sete e 13 itens.

A IA considerou também, na resposta para o terceiro comando, que, dos 54 itens, 13 não se encaixavam em apenas uma categoria de definição (2, 6, 11, 20, 21, 26, 27, 37, 44, 47, 48, 49, 50). Apenas o item 37 foi apontado como capaz de estar em mais de uma categoria previamente definida, apesar de ter tido uma categoria preponderante atribuída no 2º comando. Os outros 12 itens não se encaixaram nas dimensões propostas, alguns sendo apontados até mesmo como fora das definições de assertividade, indicando sobreposição de construtos.

Entretanto, levando-se em conta a ideia de que a avaliação humana deve preceder à da IA (Beghetto et al., 2025), o resultado de cada item foi analisado individualmente, optando-se por uma tomada de decisão conservadora. Dos 13 itens indicados pela IA para serem excluídos, os autores concordaram com a exclusão de cinco (21, 47, 48, 49, 50). O item 21 foi excluído por

descrever apenas a ausência de ação em vez de um comportamento passivo; o 50, por tratar da assertividade com amigos - destoando do conteúdo dos outros itens, que tratam da relação com um parceiro; e os outros três itens, por incluírem o uso do álcool e outras drogas e não tratarem da variável assertividade de forma mais pura.

Com as alterações desta etapa, o instrumento passou a ter 49 itens e foi nomeado como Escala de Assertividade em Situações Sexuais (EASEX). A distribuição dos itens nas dimensões ficou da seguinte forma: 18 itens em “comunicação sobre a satisfação sexual e os desejos sexuais”, três em “insistência no uso de preservativo”, quatro em “comunicação de riscos sexuais”, quatro em “comportamento hostil”, cinco em “iniciação de ato sexual desejado” e 15 em “recusa de ato sexual indesejado”.

Tabela 1*Validade de Conteúdo e de Estrutura Interna da EASEX*

Item	Validade de conteúdo		Carga fatorial (λ)		
	Representatividade – V de Aiken (95% CI)	Relevância – V de Aiken (95% CI)	F1	F2	F3
Fator 1 – Prevenção a riscos sexuais					
7. Se quero saber o quanto meu parceiro/minha parceira se protegeu no passado contra ISTs (infecções sexualmente transmissíveis), consigo falar sobre esse assunto tranquilamente com ele/ela.	1. (.90, 1.)	1. (.90, 1.)	-.74	.20	.17
12. Se meu parceiro/minha parceira insistir para transar sem proteção, acabamos fazendo do jeito dele/dela, mesmo que eu prefira o sexo protegido. <i>Exemplos de proteção são: camisinha, luva, dental dam, entre outros.</i>	1. (.90, 1.)	.97 (.85, .99)	.74	.21	.16
23. Eu me sentiria constrangida/constrangido de falar com meu parceiro/minha parceira sobre os cuidados que tive e deixei de ter em relação a ISTs (infecções sexualmente transmissíveis) no passado.	.71 (.55, .84)	.91 (.78, .97)	.57	.04	-.08
13. Se eu quiser fazer sexo com proteção e meu parceiro/minha parceira não quiser, sou capaz de dizer que não vamos transar. <i>Exemplos de proteção são: camisinha, luva, dental dam, entre outros.</i>	1. (.90, 1.)	.97 (.85, .99)	-.50	-.17	-.16
4. Se meu parceiro/minha parceira se recusa a fazer sexo, insisto mais algumas vezes até que ele/ela aceite.	.83 (.67, .92)	.94 (.81, .98)	.48	.26	.03

Item	Validade de conteúdo		Carga fatorial (λ)		
	Representatividade – V de Aiken (95% CI)	Relevância – V de Aiken (95% CI)	F1	F2	F3
24. Se eu olhar algum sinal estranho nos genitais do meu parceiro/minha parceira, fico imaginando o que pode ser, mas evito tocar no assunto.	.88 (.74, .95)	.97 (.85, .99)	.46	-.09	.03
49. Se eu sentir um cheiro estranho nos genitais do meu parceiro/parceira durante uma relação sexual, me sinto confortável para perguntar a ele/ela se está tudo bem.	.97 (.85, .99)	.97 (.85, .99)	-.44	.18	-.07
Fator 2 – Iniciação e comunicação para a satisfação					
38. Se tenho vontade de conversar sobre nossas preferências sexuais, tenho facilidade para iniciar o assunto com meu parceiro/minha parceira.	1. (.90, 1.)	.94 (.81, .98)	.04	.92	.05
15. Dizer para meu parceiro/minha parceira o que gosto no sexo é fácil para mim.	1. (.90, 1.)	.94 (.81, .98)	.13	.80	-.05
30. Consigo convidar verbalmente meu parceiro/minha parceira quando sinto vontade de fazer sexo.	.94 (.81, .98)	.97 (.85, .99)	.17	.71	-.13
16. Pergunto ao meu parceiro/minha parceira sobre o que ele/ela prefere fazer em uma relação sexual.	.97 (.85, .99)	1. (.90, 1.)	-.04	.70	.15
6. Falar das minhas fantasias sexuais (fetiches) para meu parceiro/minha parceira é desconfortável para mim.	.77 (.61, .88)	.86 (.71, .94)	.07	-.68	.01
8. Elogiar meu parceiro/minha parceira no sexo é difícil para mim.	.71 (.55, .84)	.88 (.74, .95)	.07	-.64	-.10
48. Converso com meu parceiro/minha parceira para avaliar como podemos melhorar nossas relações sexuais.	1. (.90, 1.)	.94 (.81, .98)	-.15	.58	.12

Item	Validade de conteúdo		Carga fatorial (λ)		
	Representatividade – V de Aiken (95% CI)	Relevância – V de Aiken (95% CI)	F1	F2	F3
37. Eu evito estender o assunto quando meu parceiro/minha parceira fala sobre sexo comigo.	.77 (.61, .88)	.91 (.78, .97)	.11	-.56	.09
32. Se me der vontade durante o sexo, conduzo respeitosamente meu parceiro/minha parceira para outra posição sexual que seja da minha preferência.	.83 (.67, .92)	.88 (.74, .95)	.19	.52	-.32
41. Durante o sexo, fico desconfortável de ter que pedir a meu parceiro/minha parceira para fazer algo da maneira que eu gosto.	.88 (.74, .95)	.94 (.81, .98)	.04	-.51	.28
45. Quando não estou gostando da maneira como estamos fazendo sexo, sugiro uma outra maneira para meu parceiro/minha parceira.	1. (.90, 1.)	.94 (.81, .98)	.03	.48	-.32
17. Após uma relação sexual, pergunto ao meu parceiro/minha parceira se ele/ela gostou do que fizemos.	.91 (.78, .97)	.86 (.71, .94)	-.14	.45	.23
1. Quando tenho vontade de transar, me aproximo e faço carícias no meu parceiro/na minha parceira.	.77 (.61, .88)	.97 (.85, .99)	-.01	.43	-.01
20. Fico à vontade para me masturbar durante a relação sexual se eu desejar fazer isso.	.8 (.64, .90)	.83 (.67, .92)	.05	.41	-.30
Fator 3 – Recusa de ato sexual indesejado					
46. Mesmo se eu tiver vontade de parar de transar no meio de uma relação sexual, eu continuo, pois é minha obrigação satisfazer meu parceiro/minha parceira.	1. (.90, 1.)	.94 (.81, .98)	-.13	.01	.77

Item	Validade de conteúdo		Carga fatorial (λ)		
	Representatividade – V de Aiken (95% CI)	Relevância – V de Aiken (95% CI)	F1	F2	F3
33. Mesmo que uma posição esteja ruim para mim, permaneço nela para não atrapalhar meu parceiro/minha parceira.	1. (.90, 1.)	.91 (.78, .97)	-.09	.04	.69
5. Quando não quero mais continuar o sexo, tenho facilidade de parar o ato, mesmo acreditando que a outra pessoa esteja gostando.	.94 (.81, .98)	.94 (.81, .98)	-.06	-.03	-.65
18. Se digo que não quero fazer sexo com penetração (com órgão sexual, objetos ou dedos) e meu parceiro/minha parceira insiste, eu aceito fazer.	1. (.90, 1.)	.97 (.85, .99)	.26	.17	.62
21. Se durante o sexo eu sinto alguma dor que me desagrada, comunico imediatamente para meu parceiro/minha parceira.	1. (.90, 1.)	1. (.90, 1.)	-.06	.04	-.61
40. Se digo que não quero fazer sexo oral e meu parceiro/minha parceira insiste, eu aceito fazer mesmo assim.	1. (.90, 1.)	.94 (.81, .98)	.19	.04	.60
19. Se quero parar o sexo, digo isso educadamente para meu parceiro/minha parceira.	.91 (.78, .97)	.94 (.81, .98)	-.09	.15	-.56
27. Encerro o sexo apenas quando meu parceiro/minha parceira se satisfaz, mesmo que esteja ruim para mim.	.88 (.74, .95)	.91 (.78, .97)	.07	-.06	.55
35. Faço coisas no sexo que são desagradáveis para mim.	1. (.90, 1.)	.94 (.81, .98)	.08	-.03	.55
39. Se sou tocada/tocado nas partes íntimas sem estar com vontade, tiro a mão do meu parceiro/da minha parceira dizendo-lhe que não quero naquele momento.	.97 (.85, .99)	.97 (.85, .99)	-.00	.04	-.50

Item	Validade de conteúdo		Carga fatorial (λ)		
	Representatividade – V de Aiken (95% CI)	Relevância – V de Aiken (95% CI)	F1	F2	F3
10. Permaneço fazendo sexo oral mesmo sem estar com vontade.	.94 (.81, .98)	.91 (.78, .97)	.05	-.06	.47
9. Se meu parceiro/minha parceira quiser fazer sexo com penetração (com órgão sexual, objetos ou dedos) e eu não quiser, eu recuso.	1. (.90, 1.)	.97 (.85, .99)	-.19	.11	-.46

Estudo 2- Explorando a estrutura interna da EASEX

Este estudo teve como objetivo específico investigar evidências de validade de estrutura interna da escala por meio de Análise Fatorial Exploratória (AFE) e Análise Gráfica Exploratória (EGA).

Método

Delineamento

Este foi um estudo de abordagem quantitativa, transversal (Hochman et al., 2005; Marin et al., 2021) e instrumental (Montero & León, 2007).

Participantes

Os participantes foram selecionados por conveniência e os critérios de inclusão foram ser brasileiro, adulto entre 18 e 59 anos, ter mantido relações sexuais regulares com pelo menos uma pessoa durante qualquer período dos últimos 12 meses. Os critérios de exclusão foram ser analfabeto ou ter dificuldades de compreensão de leitura. O número mínimo de participantes foi estabelecido com base no estudo de Wolf et al. (2013), segundo o qual instrumentos com mais de um fator e carga fatorial de .65 tendem a exigir amostra mínima de 200 participantes para realização de análise fatorial.

Participaram 300 pessoas, sendo 219 mulheres (73%), 69 homens (23%) e 12 pessoas que se identificavam em outras categorias de gênero (4%). A média de idade foi de 29.19 anos ($DP = 8.84$), com a pessoa mais nova tendo 18 anos e a mais velha, 59. Quanto ao gênero do parceiro sexual regular mais recente dos participantes, 74.33% foram identificados como homem, 23.67% como mulher e 2% como outro.

A maioria dos respondentes vivia na região Nordeste (60.67%), seguida, em ordem decrescente, pelo Sudeste (19%), Sul (9.67%), Norte (8.67%) e Centro-Oeste (2%). Os estados

com mais participantes foram Maranhão (53.99%) e São Paulo (11.67%). Em relação ao maior grau escolaridade dos participantes, 48.33% eram graduados, 35.33% cursavam uma primeira graduação, 12.67% tinham mestrado ou doutorado e 3.67% tinham ensino médio completo ou incompleto.

Quanto ao status de relacionamento, 40.33% mantinham um relacionamento sério morando em uma casa diferente da do parceiro, 31.33% estavam em um relacionamento sério e moravam na mesma casa da do parceiro, 20.67% estavam solteiros e 7.67% tinham um relacionamento sem um status definido. Dos 237 participantes que estavam em um relacionamento, a média de tempo do relacionamento foi de 5.83 ($DP = 6.81$) anos. Quanto à cor/etnia com que os respondentes se autodeclaravam, a maioria era branca (56.67%), seguida, em ordem decrescente, de parda (30.33%), preta (10.33%), amarela (2%) e 0.67% preferiram não responder. Em relação à orientação sexual, 50.67% se identificaram como heterossexuais, 28% como bissexuais, 17% como homossexuais e 4.33% como outra categoria. Quando questionadas sobre já terem tido aula de educação sexual na escola ou em outro lugar, 56.19% responderam que sim, 40.13% responderam que não e 3.68% não souberam responder.

Instrumentos

Questionário de caracterização (Anexo E), cuja função foi coletar informações que permitissem caracterizar os respondentes, conforme descrito na subseção anterior.

Escala de Assertividade em Situações Sexuais (EASEX), na sua versão com 49 itens, apresentada no Estudo 1.

Procedimentos de coleta de dados

O recrutamento dos participantes foi realizado através de redes sociais como *Instagram* e aplicativos de mensagens de texto como *Whatsapp* e *Telegram*. O procedimento da coleta

consistia no envio de um texto-convite que continha o link para plataforma do *Google Forms*, através da qual era possível responder aos itens. O convidado que acessasse o link tinha inicialmente acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, ao clicar em “li e concordo em participar”, era direcionado aos itens do questionário de caracterização e à EASEX.

Análise de dados

Inspeção dos dados

Os dados foram exportados para uma planilha do Microsoft Excel e analisados a partir do Programa FACTOR, versão 12.06.08 (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2025). Inicialmente, foram observados os valores de assimetria e curtose dos itens da EASEX, com o objetivo de eliminar da escala os itens que apresentaram alto desvio da normalidade (Muthén & Kaplan, 1985; 1992). Foram excluídos aqueles cuja assimetria estava acima de 1 e cuja curtose estava acima de 3, valores indicativos de distribuição não normal (Hair Jr. et al., 2005).

Em seguida, foi observada a matriz de correlação policórica dos itens restantes, para verificar quais itens foram interpretados pela amostra como sinônimos ou muito semelhantes e que, portanto, trariam redundância para a escala. Foram tratados como semelhantes os itens com uma correlação igual ou maior do que .70. Quando dois itens foram detectados como muito semelhantes, foi mantido aquele com maior Medida de Adequação Amostral (MSA) (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2021), índice que evidencia o quanto um item avalia o mesmo domínio que os outros da escala. Um último passo da etapa de inspeção prévia foi a remoção dos itens com MSA abaixo de .50, ou seja, baixa capacidade de avaliar o mesmo domínio que os demais (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2021). Com os itens restantes após a inspeção prévia, a análise seguinte foi conduzida através de dois caminhos distintos. Um deles por AFE e o outro por análise gráfica exploratória, baseada em análise de redes.

Análise Fatorial Exploratória

Para determinar o número adequado de fatores a serem extraídos na análise fatorial exploratória, foi utilizada a análise paralela, método que compara os autovalores observados na matriz de correlação dos dados reais com os autovalores obtidos a partir de dados aleatórios simulados com o mesmo número de casos e itens que os reais. Nesse método, fatores cujos autovalores reais superam a média e o percentil 95 dos autovalores obtidos com dados aleatórios devem ser considerados significativos e, portanto, retidos para análise subsequente, pois explicam mais variância dos itens do que seria esperado por acaso, refletindo uma estrutura latente real presente nos dados da escala. Foi utilizada a versão da análise paralela proposta por Timmerman e Lorenzo-Seva (2011).

A análise foi realizada pelo programa FACTOR versão 12.06.08 (Lorenzo-Seva & Ferrando, 2025). O método de estimação escolhido foi o Morgana, procedimento analítico fatorial útil em aplicações em que são esperadas redundâncias entre os itens, por fornecer, nesses casos, estrutura fatorial mais clara e menos distorcida, e resultados de ajuste mais corretos do que os fornecidos pelo modelo convencional (Ferrando et al. 2022).

Três critérios foram adotados para definir que um item seria excluído do instrumento: (1) ter tido carga fatorial menor do que .40 em todos os fatores indicados pela análise paralela; (2) ter tido carga acima de .40 em mais de um fator indicado pela análise paralela; (3) ter apresentado uma diferença menor do que .10 entre a maior e a segunda maior carga fatorial. Caso atendesse a pelo menos um desses critérios, o item era excluído.

Análise Gráfica Exploratória

O segundo caminho de análise para buscar a melhor solução fatorial consistiu na execução de uma *exploratory graph analysis* (EGA), através do software RStudio (RStudio

Team, 2020). A EGA é uma técnica baseada na teoria de redes que permite identificar a dimensionalidade de um conjunto de variáveis, utilizando algoritmos de detecção de comunidades para agrupar itens que compartilham covariância (Golino e Epskamp, 2017). Ela produz um diagrama de rede que indica o número de dimensões a serem retidas, quais itens pertencem a cada uma e seu nível de associação.

A estimação da rede foi realizada com base nas correlações parciais regularizadas, utilizando-se o algoritmo GLASSO (*Graphical Least Absolute Shrinkage and Selection Operator*). A definição do número de dimensões foi feita por meio do algoritmo *walktrap*, que identifica comunidades – grupos de itens mais densamente conectados entre si. O método apresenta vantagens em relação a técnicas fatoriais tradicionais, como a análise paralela, por ser mais robusto a distribuições não normais e oferecer maior estabilidade dos resultados em simulações (Golino et al., 2020).

Resultados

Inspeção dos dados

Com base nos valores elevados de assimetria e curtose, sete itens foram excluídos: os itens 3 – “se eu quiser fazer sexo com proteção, tenho facilidade para lembrar meu parceiro/minha parceira de que devemos usá-la. Exemplos de proteção são: camisinha, luva, dental dam, entre outros” - ($S = -2$, $K = 3.4$), 11 - “tento convencer meu parceiro/minha parceira a se abrir para práticas sexuais desagradáveis para ele/ela” - ($S = 2.5$, $K = 7.3$), 25 - “eu brigo quando meu parceiro/minha parceira não atende aos meus pedidos para transar” - ($S = 2.2$, $K = 5.2$ de curtose), 36 - “interrompo o sexo sem dizer nada quando sinto que está ruim para mim” - ($S = 1.9$, $K = 3.9$ de curtose), 42 - “se eu tiver vontade de mudar de posição durante a relação sexual, consigo dizer isso facilmente ao meu parceiro/minha parceira” - ($S = -1.8$, $K = 3.3$), 43 -

“se meu parceiro/minha parceira sinaliza que algo no sexo está desagradável para ele/ela, eu reclamo com ele/ela” - ($S = 3.5$, $K = 14.3$) e 44 - “tenho dificuldade de dizer para meu parceiro/minha parceira que estou gostando de algo que ele/ela está fazendo durante uma relação sexual” ($S = 2$, $K = 4$). Os dados descritivos completos podem conferidos na Tabela Suplementar 2, disponível em <https://osf.io/ehbt7/files/uh94p>. Neste momento da análise, a EASEX tinha 42 itens.

Em seguida, foi observado que seis pares de itens tinham alta correlação entre si. Foram eles: os itens 28 - “quando algo me desagrada na maneira como estamos fazendo sexo, digo isso a meu parceiro/minha parceira” - e o 29 - “sinto que sou capaz de dizer para meu parceiro/minha parceira o que seria desprazeroso para mim no sexo” - ($r = .70$, $p < .001$); o 14 - “quando tenho vontade de fazer sexo, consigo dizer isso de forma clara para meu parceiro/minha parceira” - e o 30 - “consigo convidar verbalmente meu parceiro/minha parceira quando sinto vontade de fazer sexo” - ($r = .78$, $p < .001$); o 31 - “tenho dificuldade de dar algum sinal para meu parceiro/minha parceira de que quero transar” - e o 14 - “quando tenho vontade de fazer sexo, consigo dizer isso de forma clara para meu parceiro/minha parceira” - ($r = -.71$, $p < .001$); o 31 - “tenho dificuldade de dar algum sinal para meu parceiro/minha parceira de que quero transar” - e o 30 - “consigo convidar verbalmente meu parceiro/minha parceira quando sinto vontade de fazer sexo” - ($r = -.77$, $p < .001$); o 17 - “após uma relação sexual, pergunto ao meu parceiro/minha parceira se ele/ela gostou do que fizemos” - e o 47 - “pergunto ao meu parceiro/minha parceira sobre o que ele/ela mais gostou após uma relação sexual” - ($r = .77$, $p < .001$); e os itens 47, já descrito e 48 - “converso com meu parceiro/minha parceira para avaliar como podemos melhorar nossas relações sexuais” - ($r = .71$, $p < .001$).

Com base no critério de maior Medida de Adequação Amostral (MSA), permaneceram os itens 28 - “quando algo me desagrada na maneira como estamos fazendo sexo, digo isso a meu parceiro/minha parceira” - (MSA = .90), 30 - “consigo convidar verbalmente meu parceiro/minha parceira quando sinto vontade de fazer sexo” - (MSA = .89), 17 - “após uma relação sexual, pergunto ao meu parceiro/minha parceira se ele/ela gostou do que fizemos” - (MSA = .70) e 48 - “converso com meu parceiro/minha parceira para avaliar como podemos melhorar nossas relações sexuais” - (MSA = .83). Foram excluídos os outros quatro itens (14, 29, 31 e 47). Apesar de o 47 ter apresentado uma MSA maior do que o 17, ele foi o item excluído, por ter obtido alta correlação também com o 48, que apresentou uma MSA maior.

Todos os 38 itens restantes tiveram uma MSA adequada, acima do valor mínimo exigido, conforme indica a Tabela Suplementar 2. O item com valor mais alto foi o 41 – “durante o sexo, fico desconfortável de ter que pedir a meu parceiro/minha parceira para fazer algo da maneira que eu gosto” - (MSA = .93), e o item com o valor mais baixo foi o 4 – “se meu parceiro/minha parceira se recusa a fazer sexo, insisto mais algumas vezes até que ele/ela aceite - (MSA = .63).

Análise Fatorial Exploratória

A análise paralela baseada em matrizes de correlação policórica realizada com os 38 itens indicou a retenção de três fatores. Os três primeiros autovalores reais ($\lambda_1 = 34.40$; $\lambda_2 = 8.94$; $\lambda_3 = 5.97$) superaram tanto os autovalores aleatórios médios ($\lambda_1 = 5.78$; $\lambda_2 = 5.41$; $\lambda_3 = 5.13$) quanto os correspondentes ao percentil 95 da distribuição de autovalores simulados ($\lambda_1 = 6.15$; $\lambda_2 = 5.74$; $\lambda_3 = 5.41$), confirmando que esses fatores explicam variância significativamente maior do que a esperada ao acaso. A partir do quarto fator, contudo, o autovalor real não ultrapassou nem a média nem o percentil 95 dos autovalores simulados, sugerindo ausência de evidências para a

retenção de dimensões adicionais. Dessa forma, a solução de três fatores foi considerada a mais adequada para representar os dados.

A execução da primeira rodada de AFE com três fatores mostrou que cinco itens precisavam ser excluídos. O item 2 - “faço tudo que meu parceiro/minha parceira pede no sexo, independente do meu desejo” - apresentou carga cruzada nos fatores 1 e 3 (respectivamente .75 e .43). O item 22 - “consigo dizer para meu parceiro/minha parceira o real motivo de eu ter recusado sexo, mesmo que isso possa chateá-lo/chateá-la” - apresentou carga menor do que .40 em todos os três fatores, com a sua maior sendo .36 no fator 3. O item 26 - “se o sexo me desagrada, digo para meu parceiro/minha parceira que o desempenho dele não foi muito bom” - foi eliminado pelo mesmo critério, com sua maior carga sendo .38 no fator 3. O item 28 - “quando algo me desagrada na maneira como estamos fazendo sexo, digo isso a meu parceiro/minha parceira” - obteve -.38 no fator 1 e .40 no fator 3, uma diferença menor do que .10. E o item 34 - “fico desconfortável de fazer sons que demonstrem que estou tendo prazer durante uma relação sexual - como gemer, por exemplo” - obteve carga baixa em todos os fatores, sendo -.30 sua maior carga. Uma segunda rodada de AFE, com os 33 itens remanescentes, mostrou uma estrutura organizada e plausível teoricamente. As cargas fatoriais e os títulos dados a cada um dos fatores estão na Tabela 1, apresentada anteriormente.

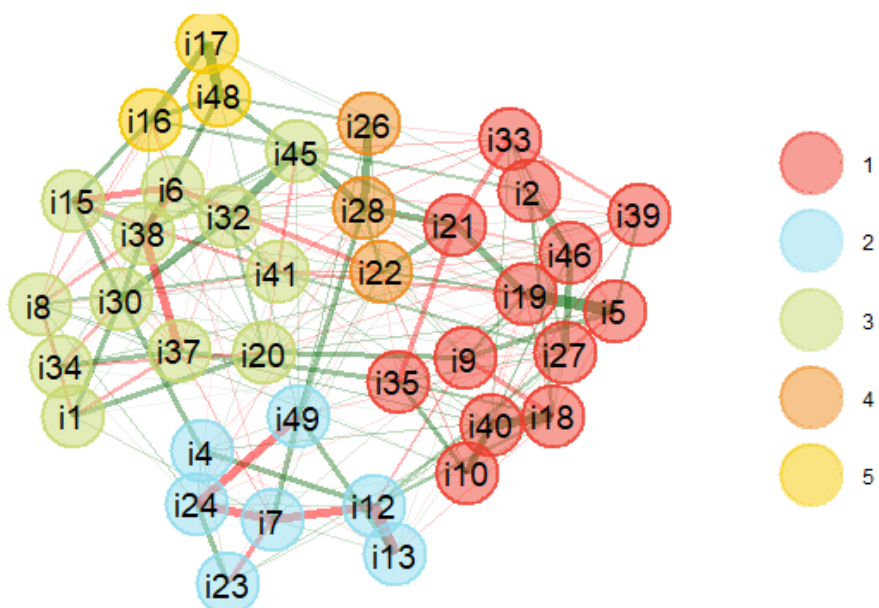
O primeiro fator incluiu sete itens relativos à prevenção a riscos sexuais, unindo em um único aqueles construídos com base na comunicação sobre os riscos sexuais e os com base na insistência no uso do preservativo. O segundo fator incluiu 14 itens relativos à iniciação e comunicação para a satisfação, unindo em um único fator os itens construídos com base na iniciação de ato sexual desejado e na comunicação sobre a satisfação e os desejos sexuais. E o terceiro incluiu 12 itens relativos à recusa de ato sexual indesejado.

Análise Gráfica Exploratória

A análise de rede sugeriu uma solução de cinco fatores para os 38 itens. O conteúdo de cada fator, na ordem da Figura 1, refere-se a: recusa de ato sexual indesejado, com 13 itens; prevenção a riscos sexuais, com sete itens; iniciação e comunicação para a satisfação, com 12 itens; comunicação sobre desagrado ou desinteresse, com três itens; e comunicação para o prazer mútuo, com três itens.

Figura 1

Rede de Correlações entre os Itens da EASEX, Obtida por meio de Análise Gráfica Exploratória (EGA)



Estudo 3- Confirmando a estrutura interna da EASEX

Este estudo teve como objetivos específicos investigar evidências de validade de estrutura interna dos modelos propostos para a EASEX por meio de Análise Fatorial Confirmatória e estimar a fidedignidade da escala.

Método

Delineamento

O estudo 3 foi realizado sob um delineamento semelhante ao do estudo 2.

Participantes

Participaram 219 pessoas, entre as quais 109 eram mulheres (49.77%), 106 eram homens (48.40%) e 4 se identificavam em outras categorias de gênero (1.83%). A média de idade foi de 30.72 anos ($DP = 8.78$), com a pessoa mais nova tendo 18 anos e a mais velha, 59. A maioria dos respondentes vivia na região Nordeste (65.30%), seguida, em ordem decrescente, pelo Sudeste (21.46%), Norte (5.02%), Centro-Oeste (4.57%) e Sul (3.65%). Os estados com mais participantes foram Maranhão (58.9%) e São Paulo (13.24%). Em relação ao maior grau escolaridade dos participantes, 57.53% eram graduados, 25.57% cursavam uma primeira graduação, 6.39% tinham mestrado ou doutorado, 8.68% tinham ensino médio completo ou incompleto e 1.83% tinham o ensino fundamental completo ou incompleto.

Em relação à orientação sexual, 50.68% se identificaram como heterossexuais, 30.59% como homossexuais, 17.35% como bissexuais e 1.38% como outra orientação. Quanto ao parceiro sexual regular mais recente dos participantes, 72.15% eram homens, 26.48% mulheres e 1.37%, “outro”. Quanto ao status de relacionamento, 36.07% estavam um relacionamento sério e moravam na mesma casa da do parceiro, 24.66% mantinham um relacionamento sério morando em uma casa diferente da do parceiro, 31.05% estavam solteiros e 8.22% tinham um

relacionamento sem um status definido. Dos 151 participantes que estavam em um relacionamento, a média de tempo do relacionamento foi de 6.48 ($DP = 7.29$) anos. Quanto à cor/etnia com que os respondentes se autodeclaravam, a mais presente foi a branca (45.21%), seguida, em ordem decrescente, da parda (39.73%), preta (12.79%), amarela (0.91%) e indígena (1.37%). Quando questionadas sobre já terem tido aula de educação sexual na escola ou em outro lugar, 43.78% responderam que sim, 51.15% responderam que não e 5.07% não souberam responder. Os participantes foram selecionados por conveniência, os critérios de inclusão e de exclusão foram os mesmos do estudo 2 e o número mínimo de participantes estabelecido também seguiu os mesmos parâmetros.

Instrumentos

Questionário de caracterização e Escala de Assertividade em Situações Sexuais (EASEX), como descritos no Estudo 2..

Procedimentos de coleta de dados

Os procedimentos foram semelhantes aos do Estudo 2.

Análise de dados

Os dados dos participantes foram exportados para uma planilha do Microsoft Excel e analisados no software R (R Core Team, 2020), por meio do pacote lavaan (Rosseel, 2012). A análise fatorial confirmatória (AFC) foi conduzida com o objetivo de testar a adequação das duas estruturas fatoriais propostas para a escala no Estudo 2. Uma com 33 itens e três fatores e outra com 38 itens e cinco fatores. Considerando que os itens apresentavam formato de resposta ordinal, em escala Likert de seis pontos, utilizou-se o estimador diagonally weighted least squares (DWLS), recomendado para variáveis categóricas ordinais.

Inicialmente, foram observadas as cargas fatoriais dos itens nas duas soluções, seguindo os mesmos critérios do estudo 2 para possível exclusão de itens a partir da carga fatorial: (1) ter tido carga menor do que .40 em todos os fatores; (2) ter tido carga acima de .40 em mais de um fator; (3) ter apresentado uma diferença menor do que .10 entre a maior e a segunda maior carga fatorial. Se um item atendesse a pelo menos um desses critérios, ele era excluído.

Os índices de ajuste utilizados para confirmar a adequação de cada estrutura aos dados obtidos foram o Comparative Fit Index (CFI), o Tucker-Lewis Index (TLI), o Root Mean Square Error of Approximation (RMSEA) com intervalo de confiança de 90%, e o Standardized Root Mean Square Residual (SRMR). Para inferir o grau de qualidade do ajuste, foram utilizados parâmetros descritos por Hair et al. (2009). Conforme os autores, os valores-padrão para uma amostra com menos de 250 participantes e número de itens maior ou igual a 30 são: CFI e TLI acima de .92, SRMR abaixo de .09 e RMSEA menor do que .08. Para analisar a fidedignidade por consistência interna da EASEX, foram verificados os coeficientes alfa de Cronbach (α), omega de McDonald (ω), obtidos através do programa JASP 0.14.1.0 (JASP Team, 2020).

Resultados

Na primeira rodada da AFC, três itens foram excluídos no modelo de 33 itens e quatro itens foram excluídos no modelo de 38, por terem apresentado cargas fatoriais com valores inferiores a .40. O item 1 – “quando tenho vontade de transar, me aproximo e faço carícias no meu parceiro/na minha parceira” – apresentou carga fatorial de .35 no modelo com 33 itens e .34 no modelo com 38 itens. O item 4 – “se meu parceiro/minha parceira se recusa a fazer sexo, insisto mais algumas vezes até que ele/ela aceite” apresentou carga de .15 nos dois modelos. E o item 23 – “eu me sentiria constrangida/constrangido de falar com meu parceiro/minha parceira sobre os cuidados que tive e deixei de ter em relação a ISTs (infecções sexualmente

transmissíveis) no passado” apresentou carga de .34 na versão com 33 itens e .33 na versão com 38. O item 2 – “faço tudo que meu parceiro/minha parceira pede no sexo, independente do meu desejo foi excluído do modelo de 38 itens por apresentar carga fatorial de .33. Os resultados são apresentados na Tabela 2.

Após a exclusão dos itens citados, uma segunda rodada de AFC foi realizada, com as versões de três fatores e 30 itens e de cinco fatores e 34 itens. Como mostra a Tabela 2, nas duas soluções, as cargas fatoriais de todos os itens foram estatisticamente significativas ($p < .001$) e com magnitudes moderadas a altas. Na solução de 30 itens, as cargas variaram de -.41 a .77 e, na solução de 34 itens, variaram de .44 a -.75 (ver Tabela 2).

Tabela 2*Cargas Fatoriais dos Itens da EASEX após Análise Fatorial Confirmatória*

Item	Versões			
	33 itens 3 fatores	30 itens 3 fatores	38 itens 5 fatores	34 itens 5 fatores
Fator 1 – Recusa de ato sexual indesejado				
19. Se quero parar o sexo, digo isso educadamente para meu parceiro/minha parceira.	.73	.73	-.75	-.75
40. Se digo que não quero fazer sexo oral e meu parceiro/minha parceira insiste, eu aceito fazer mesmo assim.	-.70	-.70	.68	.67
33. Mesmo que uma posição esteja ruim para mim, permaneço nela para não atrapalhar meu parceiro/minha parceira.	-.68	-.69	.68	.67
18. Se digo que não quero fazer sexo com penetração (com órgão sexual, objetos ou dedos) e meu parceiro/minha parceira insiste, eu aceito fazer.	-.68	-.68	.67	.66
46. Mesmo se eu tiver vontade de parar de transar no meio de uma relação sexual, eu continuo, pois é minha obrigação satisfazer meu parceiro/minha parceira.	-.64	-.64	.66	.65
35. Faço coisas no sexo que são desagradáveis para mim.	-.59	-.59	.59	.59
9. Se meu parceiro/minha parceira quiser fazer sexo com penetração (com órgão sexual, objetos ou dedos) e eu não quiser, eu recuso.	.58	.59	-.60	-.59

Item	Versões			
	33 itens 3 fatores	30 itens 3 fatores	38 itens 5 fatores	34 itens 5 fatores
27. Encerro o sexo apenas quando meu parceiro/minha parceira se satisfaz, mesmo que esteja ruim para mim.	-.54	-.54	.53	.52
39. Se sou tocada/tocado nas partes íntimas sem estar com vontade, tiro a mão do meu parceiro/da minha parceira dizendo-lhe que não quero naquele momento.	.54	.54	-.58	-.56
10. Permaneço fazendo sexo oral mesmo sem estar com vontade.	-.53	-.53	.52	.53
5. Quando não quero mais continuar o sexo, tenho facilidade de parar o ato, mesmo acreditando que a outra pessoa esteja gostando.	.51	.51	-.52	-.52
21. Se durante o sexo eu sinto alguma dor que me desagrada, comunico imediatamente para meu parceiro/minha parceira.	.49	.49	-.51	-.51
2. Faço tudo que meu parceiro/minha parceira pede no sexo, independente do meu desejo.	-	-	.33	-
Fator 2 – Prevenção a riscos sexuais				
24. Se eu olhar algum sinal estranho nos genitais do meu parceiro/minha parceira, fico imaginando o que pode ser, mas evito tocar no assunto.	.75	-.75	.74	.74

Item	Versões			
	33 itens 3 fatores	30 itens 3 fatores	38 itens 5 fatores	34 itens 5 fatores
7. Se quero saber o quanto meu parceiro/minha parceira se protegeu no passado contra ISTs (infecções sexualmente transmissíveis), consigo falar sobre esse assunto tranquilamente com ele/ela.	-.67	.67	-.67	-.67
12. Se meu parceiro/minha parceira insistir para transar sem proteção, acabamos fazendo do jeito dele/dela, mesmo que eu prefira o sexo protegido. <i>Exemplos de proteção são: camisinha, luva, dental dam, entre outros.</i>	.60	-.60	.59	.58
49. Se eu sentir um cheiro estranho nos genitais do meu parceiro/parceira durante uma relação sexual, me sinto confortável para perguntar a ele/ela se está tudo bem.	-.55	.56	-.57	-.59
13. Se eu quiser fazer sexo com proteção e meu parceiro/minha parceira não quiser, sou capaz de dizer que não vamos transar. <i>Exemplos de proteção são: camisinha, luva, dental dam, entre outros.</i>	-.55	.55	-.56	-.55
23. Eu me sentiria constrangida/constrangido de falar com meu parceiro/minha parceira sobre os cuidados que tive e deixei de ter em relação a ISTs (infecções sexualmente transmissíveis) no passado.	.34	-	.33	-
4. Se meu parceiro/minha parceira se recusa a fazer sexo, insisto mais algumas vezes até que ele/ela aceite.	.15	-	.15	-
Fator 3 – Iniciação e comunicação para a satisfação				

Item	Versões			
	33 itens 3 fatores	30 itens 3 fatores	38 itens 5 fatores	34 itens 5 fatores
16. Pergunto ao meu parceiro/minha parceira sobre o que ele/ela prefere fazer em uma relação sexual.	.76	-.75	-	-
48. Converso com meu parceiro/minha parceira para avaliar como podemos melhorar nossas relações sexuais.	.77	-.77	-	-
38. Se tenho vontade de conversar sobre nossas preferências sexuais, tenho facilidade para iniciar o assunto com meu parceiro/minha parceira.	.72	-.72	-.73	-.72
32. Se me der vontade durante o sexo, conduzo respeitosamente meu parceiro/minha parceira para outra posição sexual que seja da minha preferência.	.71	-.71	-.71	-.71
30. Consigo convidar verbalmente meu parceiro/minha parceira quando sinto vontade de fazer sexo.	.71	-.70	-.69	-.68
41. Durante o sexo, fico desconfortável de ter que pedir a meu parceiro/minha parceira para fazer algo da maneira que eu gosto.	-.68	.68	.69	.69
15. Dizer para meu parceiro/minha parceira o que gosto no sexo é fácil para mim.	.67	-.67	-.66	-.66
45. Quando não estou gostando da maneira como estamos fazendo sexo, sugiro uma outra maneira para meu parceiro/minha parceira.	.65	-.65	-.68	-.67

Item	Versões			
	33 itens 3 fatores	30 itens 3 fatores	38 itens 5 fatores	34 itens 5 fatores
37. Eu evito estender o assunto quando meu parceiro/minha parceira fala sobre sexo comigo.	-.58	.58	.59	.59
6. Falar das minhas fantasias sexuais (fetiches) para meu parceiro/minha parceira é desconfortável para mim.	-.51	.51	.50	.50
20. Fico à vontade para me masturbar durante a relação sexual se eu desejar fazer isso.	.46	-.46	-.46	-.46
8. Elogiar meu parceiro/minha parceira no sexo é difícil para mim.	-.46	.45	.45	.44
17. Após uma relação sexual, pergunto ao meu parceiro/minha parceira se ele/ela gostou do que fizemos.	.40	-.41	-	-
1. Quando tenho vontade de transar, me aproximo e faço carícias no meu parceiro/na minha parceira.	.35	-	-.34	-
34. Fico desconfortável de fazer sons que demonstrem que estou tendo prazer durante uma relação sexual (como gemer, por exemplo).	-	-	.62	.62
Fator 4 - Comunicação sobre desagrado ou desinteresse				
28. Quando algo me desagrada na maneira como estamos fazendo sexo, digo isso a meu parceiro/minha parceira.	-	-	.71	.71

Item	Versões			
	33	30	38	34
	itens 3 fatores	itens 3 fatores	itens 5 fatores	itens 5 fatores
22. Consigo dizer para meu parceiro/minha parceira o real motivo de eu ter recusado sexo, mesmo que isso possa chateá-lo/chateá-la.	-	-	.65	.66
26. Se o sexo me desagrada, digo para meu parceiro/minha parceira que o desempenho dele não foi muito bom.	-	-	.46	.46
Fator 5 - Comunicação para o prazer mútuo				
48. Converso com meu parceiro/minha parceira para avaliar como podemos melhorar nossas relações sexuais.	-	-	.87	.87
16. Pergunto ao meu parceiro/minha parceira sobre o que ele/ela prefere fazer em uma relação sexual.	-	-	.84	.84
17. Após uma relação sexual, pergunto ao meu parceiro/minha parceira se ele/ela gostou do que fizemos.	-	-	.46	.46

As duas soluções também demonstraram bons índices de ajuste em CFI e TLI e ajuste adequado em SRMR. Para o RMSEA, a solução de 34 itens demonstrou bom ajuste e a de 30 itens demonstrou ajuste adequado, ainda que ligeiramente acima do limite ideal. Os índices de ajuste desses dois modelos e dos outros dois anteriores (de 33 itens e de 38 itens) podem ser vistos na Tabela 3.

Tabela 3

Índices de Ajuste nos Modelos Testados

	30 itens / 3	34 itens / 5	33 itens / 3	38 itens / 5
	fatores	fatores	fatores	fatores
Qui-quadrado (χ^2)	978.92	1143.013	1124.093	1458.176
Graus de liberdade (gl)	402	517	492	655
χ^2/gl	2.43	2.21	2.28	2.23
CFI	.937	.948	.933	.936
TLI	.932	.943	.929	.932
RMSEA [IC90%]	.081 [.075 – .088]	.075 [.069 – .080]	.077 [.071– .083]	.075 [.070 – .080]
SRMR	.097	.093	.096	.095

Na solução de 30 itens, observaram-se correlações moderadas entre os fatores, o que indica relações consistentes, mas não redundantes, sugerindo boa distinção conceitual entre as dimensões. Na solução de 34 itens, as correlações variaram de moderadas a altas, com destaque para as fortes correlações que tiveram entre si os fatores iniciação e comunicação para a satisfação, comunicação sobre desagrado ou desinteresse e comunicação para o prazer mútuo. Esses valores parecem sugerir sobreposição entre fatores. Todos os valores podem ser vistos na Tabela 4.

Tabela 4*Correlações entre os Fatores nos Dois Modelos*

	F1–	F1–	F1–	F1–	F2–	F2–	F2–	F3–	F3–	F4–
	F2	F3	F4	F5	F3	F4	F5	F4	F5	F5
30 itens	.56	-.48	—	—	-.60	—	—	—	—	—
34 itens	.56	.54	-.73	-.32	.58	-.72	-.58	-.82	-.84	.73

Nota. F1 = Recusa de ato sexual indesejado; F2 = Prevenção a riscos sexuais; F3 = Iniciação e comunicação para a satisfação; F4 = Comunicação sobre desagrado ou desinteresse; F5 = Comunicação para o prazer mútuo.

Os coeficientes de consistência interna no modelo de três fatores e 30 itens indicaram boa fidedignidade para o instrumento como um todo, sugerindo adequada coerência entre os itens da escala. A dimensão da recusa de ato sexual indesejado e a de iniciação e comunicação para a satisfação também tiveram bons índices. O fator da prevenção a riscos sexuais apresentou valores mais baixos em relação às outras duas dimensões, indicando menor homogeneidade interna.

No modelo de cinco fatores e 34 itens, o padrão foi semelhante na escala como um todo, na recusa e na prevenção a riscos sexuais. Na iniciação e comunicação para a satisfação, os valores foram mais baixos, porém ainda aceitáveis. No fator comunicação sobre desagrado, a fidedignidade foi limitada, indicando heterogeneidade entre os itens. Em contrapartida, o fator comunicação para o prazer mútuo apresentou resultados aceitáveis. Os valores de fidedignidade desses dois modelos e dos outros dois anteriores (de 33 itens e de 38 itens) podem ser vistos na Tabela 5.

Tabela 5*Fidedignidade em Cada Modelo e Fatores Propostos para a EASEX*

Modelo	Escore	ω (95% CI)	α (95% CI)
30 itens / 3 fatores	Total	.87 [.85, .90]	.87 [.85, .90]
	Recusa	.82 [.79, .86]	.82 [.78, .85]
	Prevenção a riscos	.65 [.57, .72]	.64 [.56, .71]
	Iniciação	.85 [.82, .88]	.84 [.81, .87]
33 itens / 3 fatores	Total	.86 [.83, .89]	.86 [.83, .88]
	Recusa	.82 [.79, .86]	.82 [.78, .85]
	Prevenção a riscos	.46 [.36, .56]	.38 [.25, .49]
	Iniciação	.85 [.82, .88]	.85 [.81, .87]
34 itens / 5 fatores	Total	.88 [.86, .90]	.88 [.85, .90]
	Recusa	.82 [.79, .86]	.82 [.78, .85]
	Prevenção a riscos	.65 [.57, .72]	.64 [.56, .71]
	Iniciação	.74 [.69, .79]	.70 [.64, .75]
	Desagrado	.59 [.49, .68]	.56 [.44, .65]
	Prazer mútuo	.75 [.70, .81]	.73 [.66, .79]
38 itens / 5 fatores	Total	.86 [.84, .89]	.85 [.82, .88]
	Recusa	.79 [.75, .83]	.77 [.72, .81]
	Prevenção a riscos	.46 [.36, .56]	.38 [.25, .49]
	Iniciação	.75 [.70, .80]	.71 [.66, .76]
	Desagrado	.59 [.49, .68]	.56 [.44, .65]
	Prazer mútuo	.75 [.70, .81]	.73 [.66, .79]

Estudo 4- Evidências complementares de validade convergente para a EASEX

Este estudo teve como objetivo específico investigar evidências de validade de convergência da EASEX com outros construtos.

Método

Delineamento

Este foi um estudo de abordagem quantitativa, transversal, observacional descritivo, e correlacional (Hochman et al., 2005; Marin et al., 2021).

Participantes

Este estudo foi realizado com 602 participantes, divididos em duas amostras, obtidas em momentos distintos. A primeira amostra, de 213 participantes, foi utilizada para avaliar relações ente a assertividade sexual e o funcionamento sexual. Os critérios de inclusão e de exclusão foram os mesmos dos estudos 2 e 3, com a adição de mais um: ter tido relações sexuais no último mês. A segunda amostra, utilizada para avaliar relações da assertividade sexual com aspectos do bem-estar individual e da qualidade do relacionamento afetivo, foi composta por 389 participantes. Também foram seguidos os mesmos critérios de inclusão e de exclusão para os estudos 2 e 3, porém adicionando o de estar em algum tipo de relacionamento afetivo no momento da pesquisa.

Participaram da primeira amostra 140 mulheres (65.73%) e 73 homens (34.27%). A média de idade foi de 34.15 anos ($DP = 10.54$), com a pessoa mais nova tendo 19 anos e a mais velha, 59. Quanto ao gênero do parceiro sexual regular mais recente dos participantes, 73.71% foram identificados como homem e 26.29% como mulher. A maioria dos respondentes vivia na região Nordeste (58.69%), seguida, em ordem decrescente, pelo Sudeste (26.29%), Centro-Oeste (5.63%), Sul (5.16%) e Norte (4.23%). Em relação ao maior grau escolaridade dos participantes,

61.50% eram graduados, 18.78% cursavam uma primeira graduação, 14.55% tinham mestrado ou doutorado e 5.16% tinham apenas o ensino médio (completo ou incompleto).

Quanto ao status de relacionamento, 48.36% estavam em um relacionamento sério e moravam na mesma casa da do parceiro, 31.93% mantinham um relacionamento sério morando em uma casa diferente da do parceiro, 14.55% estavam solteiros e 5.16% tinham um relacionamento sem um status definido. Dos 182 participantes que estavam em um relacionamento, a média de tempo dos relacionamentos foi de 8.04 ($DP = 9.18$) anos. Quanto à cor/etnia com que os respondentes se autodeclaravam, a maioria era branca (54.46%), seguida, em ordem decrescente, de parda (30.05%), preta (12.21%), amarela (2.35%) e indígena (0.47%), com 0.47% preferindo não responder. Em relação à orientação sexual, 60.09% se identificaram como heterossexuais, 23% como bissexuais e 16.90% como homossexuais.

Na segunda amostra, participaram 271 mulheres (69.67%), 106 homens (27.25%) e 12 que se identificavam em outras categorias de gênero (3.09%). A média de idade foi de 30.58 anos ($DP = 9.35$), com a pessoa mais nova tendo 18 anos e a mais velha, 59. A maioria dos respondentes vivia na região Nordeste (59.90%), seguida, em ordem decrescente, pelo Sudeste (22.11%), Sul (8.23%), Norte (6.68%), Centro-Oeste (3.09%). Em relação ao maior grau escolaridade dos participantes, 53.99% eram graduados, 28.79% cursavam uma primeira graduação, 11.05% tinham mestrado ou doutorado, 5.40% tinham apenas o ensino médio (completo ou incompleto) e 0.77% tinham apenas o ensino fundamental (completo ou incompleto). Quanto à cor/etnia com que os respondentes se autodeclaravam, a mais presente foi a branca (51.93%), seguida, em ordem decrescente, da parda (34.45%), preta (11.05%), amarela (2.06%) e indígena (0%), com 0.51% preferindo não responder.

Em relação à orientação sexual, 56.81% se identificaram como heterossexuais, 23.91% como bissexuais, 16.97% como homossexuais e 2.31% como outro. Quanto ao parceiro sexual regular mais recente dos participantes, 70.69% eram homens, 27.25% mulheres e 2.06%, “outro”. Quanto ao status de relacionamento, 44.99% mantinham um relacionamento sério morando em uma casa diferente da do parceiro, 44.47% estavam um relacionamento sério e moravam na mesma casa da do parceiro e 10.54% tinham um relacionamento sem um status definido. A média de tempo do relacionamento foi de 6.08 ($DP = 7.00$) anos. Quando questionadas sobre já terem tido aula de educação sexual na escola ou em outro lugar, 50.78% responderam que sim, 45.08% responderam que não e 4.15% não souberam responder.

Os tamanhos mínimos das amostras foram estimados no software GPower 3.1.9.7, utilizando o teste Linear multiple regression: Fixed model, R^2 deviation from zero. Adotaram-se poder estatístico de .80, nível de significância de .05 e tamanho de efeito médio ($f^2 = 0,15$), conforme recomendações de Cohen (1988). Para o modelo de regressão linear em que foi utilizado a primeira amostra, o GPower indicou um tamanho mínimo de aproximadamente 98 participantes. Para os outros modelos de regressão linear, aplicados com os dados da segunda amostra, o tamanho mínimo estimado foi de aproximadamente 92 participantes. As amostras utilizadas neste estudo superaram os tamanhos mínimos estimados.

Instrumentos

Questionário de caracterização (Anexo E). Foram coletados dos participantes a região e o estado de residência, a idade, o gênero, a orientação sexual, a raça/cor, o grau de escolaridade, o nível de religiosidade, o contato prévio com aulas de educação sexual, o status de relacionamento. O tempo e o tipo de relacionamento também foram coletados daqueles que estavam em um relacionamento amoroso no momento da pesquisa.

Questionário de fatores associados a dificuldades no funcionamento sexual (Anexo F) desenvolvido pelos autores desta pesquisa, com 19 perguntas sobre fatores de saúde que podem interferir na função sexual, como hipertensão arterial, diabetes e reposição hormonal. Todas as perguntas tinham como opções de resposta “sim” e “não”. As respostas positivas foram somadas, resultando em um escore total representativo frequência de dificuldades que podem interferir no funcionamento sexual. Este escore foi utilizado como variável de controle nas análises.

Escala de Assertividade em Situações Sexuais (EASEX), em sua versão final. Avalia a assertividade sexual em uma escala-likert de seis pontos que vai de 0 (nunca ou discordo totalmente) a 5 (sempre ou concordo totalmente), a partir de 30 itens e três fatores: recusa de ato sexual indesejado, prevenção a riscos sexuais e iniciação e comunicação para a satisfação. A escala apresentou índices adequados de consistência interna, com os valores de ômega de McDonald variando entre .65 e .85 e alfa de Cronbach variando entre .64 e .84.

Índice de Funcionamento Sexual Feminino (FSFI) (Anexo G). O FSFI é um instrumento desenvolvido por Rosen et al. (2000). Nesta pesquisa, foi utilizada a adaptação portuguesa realizada por Pacagnella et al. (2008), que a apresentou índices satisfatórios de consistência interna, com os valores de alfa de Cronbach variando entre .79 e .91. Avalia, nas últimas quatro semanas, em uma escala-likert de seis pontos, os domínios: desejo sexual, excitação sexual, lubrificação vaginal, orgasmo, satisfação sexual e dor. Assim como no estudo de Pereira (2021), o domínio da dor foi retirado do instrumento para incluir as pessoas que não fazem sexo com penetração, e a definição de ato sexual foi alterada para “qualquer interação com interesse sexual, como carícias, masturbação, sexo oral, penetração vaginal e anal etc.”, em vez de “definido quando há penetração (entrada) do pênis na vagina”. Ficaram 16 itens no total.

Índice de Função Sexual Masculina (MSFI) (Anexo H). O MSFI foi elaborado por Kalmbach et al. (2014) com base no Female Sexual Function Index (Rosen et al., 2000). Assim como a versão feminina, avalia os domínios da função sexual nas últimas quatro semanas em uma escala-likert de seis pontos. A versão masculina apresenta os domínios: desejo sexual, excitação sexual, ereção, orgasmo e satisfação sexual. A versão deste estudo é a adaptação realizada por Silva (2018), que apresentou índices adequados de consistência interna, com os valores de alfa de Cronbach variando entre .82 e .98, e correlações entre fatores da escala com a Rosenberg Self-Esteem Scale (RSES).

Single-Item Self-Esteem Scale (SISES) (Anexo I). Desenvolvida por Robins et al. (2001) e validada para o Brasil por Pimentel et al. (2018), a SISES é uma medida de item único que avalia a autoestima. O item “eu tenho uma autoestima elevada” é respondido em uma escala tipo-likert de sete pontos que vai de 1 (não é muito verdadeiro sobre mim) a 7 (é muito verdadeiro sobre mim). A escala apresentou correlação positiva significativa com a Rosenberg Self-Esteem Scale (RSES) ($r = .55, p < .001$).

Single-Item Measure of Sexual Satisfaction (Anexo I). A satisfação sexual foi acessada através de uma medida de item único desenvolvida por Mark et al. (2014). O item “nos últimos dois meses, o quanto você está sexualmente satisfeita/o com sua/seu parceira/o ” é respondido em uma escala tipo-likert de cinco pontos que vai de 1 (muito insatisfeita/o) a 5 (muito satisfeita/o). O item apresentou correlações positivas significativas com The Index of Sexual Satisfaction (ISS) ($r = .22, p < 0.001$), The Global Measure of Sexual Satisfaction (GMSEX) ($r = .54, p < 0.001$) e The New Sexual Satisfaction Scale - Short Form (NSSS-S) ($r = .54, p < .001$).

Single-Item Measure of Relationship Satisfaction (Anexo I). A satisfação com o relacionamento foi acessada através de uma medida de item único desenvolvida por Mark et al.

(2014). O item “Nos últimos dois meses, o quanto você está satisfeito/a com a relação que você tem com seu/sua parceiro/a” é respondido em uma escala tipo-likert de sete pontos que vai de 1 (muito insatisfeita/o) a 5 (muito satisfeita/o). O item apresentou correlações positivas significativas com Single-Item Measure of Sexual Satisfaction ($r = .67, p < 0.001$), The Global Measure of Sexual Satisfaction (GMSEX) ($r = .43, p < 0.001$) e The New Sexual Satisfaction Scale - Short Form (NSSS-S) ($r = .36, p < 0.001$).

Single-Item Relationship Satisfaction, Love, Conflict, and Commitment Measures (Anexo I). Foi utilizada uma medida que inclui quatro itens-únicos para a avaliação da satisfação, amor, conflito e comprometimento nos relacionamentos amorosos, desenvolvida por Niehuis et al. (2024). Na atual pesquisa, apenas o item sobre satisfação não foi utilizado. Os itens “Até que ponto você ama [seu/sua parceiro(a)] neste momento”, “o quanto o seu relacionamento é conflituoso” e “o quanto você se considera comprometido(a) no relacionamento com seu parceiro(a)” são respondidos em uma escala tipo-likert de sete pontos que vai de 1 (nem um pouco) a 7 (extremamente/muito). As medidas de item único demonstraram validade convergente e preditiva satisfatórias, com correlações superiores a $r = 0.60$ em relação a escalas de múltiplos itens (Niehuis et al., 2024).

Item único de percepção sobre a satisfação do/da parceiro/a com o relacionamento (Anexo I). O item, proposto pelos autores do atual estudo, “o quanto você acha que seu/sua parceiro/a está satisfeito/a com o relacionamento de vocês” é respondido em uma escala tipo-likert de cinco pontos que vai de 1 (muito insatisfeito/a) a 5 (muito satisfeito/a).

Item único de percepção sobre a satisfação sexual da/do parceira/o (Anexo I). O item, proposto pelos autores deste estudo, “nos últimos dois meses, o quanto você acha que sua/seu

parceira/o está sexualmente satisfeita/o com você” é respondido em uma escala tipo-likert de cinco pontos que vai de 1 (muito insatisfeito/a) a 5 (muito satisfeito/a).

Item único de autoestima sexual (Anexo I). O item, proposto pelos autores deste estudo, “acredito que tenho um bom desempenho no sexo” é respondido em uma escala tipo-likert de seis pontos que vai de 0 (discordo completamente) a 5 (concordo completamente).

Procedimentos de coleta de dados

A coleta de dados seguiu os mesmos procedimentos dos Estudos 2 e 3.

Análise de dados

As análises dos dados dos participantes foram conduzidas no programa JASP 0.14.1.0. (JASP Team, 2020), onde foram realizadas dez regressões múltiplas lineares, procedimento que investiga relações de predição entre variáveis independentes e variações dependentes. Essas regressões investigaram o papel preditivo dos três fatores da EASEX (VIs) em diferentes indicadores de funcionamento sexual, bem-estar individual e qualidade relacional. As variáveis dependentes (VDs) foram: (1) funcionamento sexual, (2) autoestima geral, (3) autoestima sexual, (4) satisfação com a relação, (5) satisfação sexual, (6) percepção da satisfação do(a) parceiro(a) na relação, (7) percepção da satisfação sexual do(a) parceiro(a), (8) sentimentos de amor, (9) comprometimento e (10) conflito. Em todos os modelos, foram incluídas também variáveis sociodemográficas como covariáveis de controle: gênero (1 = homem, 2 = mulher), orientação sexual (1 = heterossexual, 2 = não heterossexual). No modelo do funcionamento sexual a tendência a maiores dificuldades sexuais também foi incluída como covariável de controle.

Todas as regressões foram estimadas simultaneamente pelo método enter, permitindo avaliar o efeito único de cada preditor enquanto se controlava a influência dos demais. Para cada

modelo, foram inspecionados a variância explicada (R^2) os coeficientes padronizados (β) e os valores de p . Consideraram-se estatisticamente significativos os resultados com $p < .05$.

Resultados

Todos os modelos testados foram estatisticamente significativos, com valores de R^2 que variaram entre .03 e .22, indicando efeitos de magnitude pequena a moderada. Observou-se um padrão consistente no qual o fator 3, relacionado à iniciação e comunicação para a satisfação sexual, emergiu como o preditor mais robusto entre os desfechos analisados. Esse fator apresentou associações positivas e significativas com funcionamento sexual, autoestima geral, autoestima sexual, satisfação com a relação, satisfação sexual, percepção de satisfação do(a) parceiro(a) na relação e percepção de satisfação sexual do(a) parceiro(a), indicando que maiores níveis de comunicação e iniciativa na relação sexual estão sistematicamente associados a maior bem-estar sexual e relacional.

O fator 1, referente à recusa de atos sexuais indesejados, apresentou efeitos menores, mas ainda assim significativos em alguns modelos, predizendo melhor funcionamento sexual, maior satisfação com a relação, maior autoestima geral e menor conflito. Esses achados sugerem que recusar situações sexuais indesejadas está associada tanto a experiências sexuais mais positivas quanto a relações mais satisfatórias.

Já o fator 2, referente à prevenção a riscos sexuais, mostrou-se relevante em dimensões afetivas, sendo preditor positivo de amor e negativo de conflito. Isso sugere que a comunicação para o uso de preservativos e a comunicação preventiva sobre os riscos de contaminação por ISTs podem estar associadas a relações mais afetuosas e menos conflituosas entre casais, ainda que não influenciem os aspectos sexuais avaliados.

Nota. Os valores representam os coeficientes beta padronizados, com valores de p entre parênteses. Asteriscos indicam níveis de significância: * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$. FS = Funcionamento Sexual; AG = Autoestima Geral; AS = Autoestima Sexual; SR = Satisfação com a Relação; SS = Satisfação Sexual; PSR = Percepção da Satisfação do Parceiro na Relação; PSS = Percepção da Satisfação Sexual do Parceiro; Amor = Amor; Comp = Comprometimento; Confl = Conflito; Recusa = Fator Recusa de ato sexual indesejado; Preven = Prevenção aos riscos sexuais; Comum = Iniciação e Comunicação para a satisfação; Orient = Orientação sexual; Tend = Tendência a maiores dificuldades sexuais.

Discussão

Sobre a elaboração dos itens

No estudo 1, as entrevistas resultaram em itens baseados nas descrições dadas pelos entrevistados quanto a seus próprios comportamentos, seus anseios, expectativas ou quantos aos comportamentos de pessoas conhecidas. As entrevistas ratificaram a importância de serem incluídos comportamentos já descritos em instrumentos anteriores e também novos itens que poderiam representar expectativas que a cultura adotou sobre a qualidade das relações sexuais e afetivas. Entre os comportamentos citados, não haviam sido abordados pelos instrumentos anteriores e foram incluídos neste estudo: comunicar de forma específica sobre o motivo real da recusa de ato sexual indesejado; perguntar sobre as preferências e o grau de satisfação do parceiro/da parceira; e sinalizar para o parceiro/a parceira do grau de dor sentida durante uma relação. As entrevistas também confirmaram a importância de se descrever os comportamentos assertivos sexualmente de forma específica, pois podem existir diferenças quanto ao grau de dificuldade desses comportamentos. Por isso, foram construídos itens levando-se em consideração a maior quantidade possível de situações e comportamentos que poderiam cobrir diferentes porções da assertividade sexual.

As entrevistas também sugeriram que quase todas as dimensões da assertividade sexual mencionadas na literatura fazem parte da realidade cultural brasileira. A exceção é a dimensão “comunicação sobre os riscos sexuais”, como apresentado no ASCS (Quina et al., 2000) e no SAQ (Loshek & Terrell, 2014). Alguns comportamentos descritos nesses instrumentos podem

não representar a realidade brasileira, como perguntar ao parceiro se ele fez sexo com alguém que usa drogas com agulhas, perguntar ao parceiro sobre o risco de HIV ou se já teve uma infecção sexualmente transmissível (IST). Todos os entrevistados afirmaram que a comunicação sobre os riscos sexuais não é algo comum e que pode gerar constrangimento. Os relatos coincidem com o dado do estudo transcultural de Nagy et al. (2025) de que, entre 33 países, Coreia do Sul, República Tcheca e Brasil foram os que apresentaram as menores médias de comunicação dos riscos sexuais. Por isso, para a EASEX, foram desenvolvidos itens para essa dimensão com comportamentos mais “brandos” ou menos “diretos”.

Os entrevistados sugeriram algumas formas mais condizentes de abordar o assunto, conforme as suas realidades e com menos probabilidade de serem interpretadas como invasivas. Tais formas seriam: (a) introduzir o assunto falando dos próprios cuidados com a saúde sexual e fazendo uma pergunta ao final sobre os cuidados da outra pessoa; e (b) no caso de perceber um sinal estranho no corpo da pessoa, questionar se tem algo com que se preocupar. Essas formas foram transformadas em itens.

Certos detalhes de fala que suavizam a forma de abordar o tema das ISTs, de recusar ato sexual indesejado ou de conduzir para o sexo foram propostos na fase de desenvolvimento dos itens como uma maneira de corresponder à realidade cultural brasileira e, também, à definição utilizada de assertividade (Del Prette & Del Prette, 2010), a qual inclui a consideração das consequências para o interlocutor e para a relação com ele. Por isso, propusemos uma adição à definição de Zerubavel e Messman-Moore (2013) para a assertividade sexual, acrescentando expressamente a dimensão ética e relacional das HS (Del Prette & Del Prette, 2017). Assim, a assertividade sexual foi definida como a capacidade de expressar os próprios limites,

necessidades e desejos em uma situação sexual, sem desconsiderar a qualidade da relação ou o bem-estar do(a) parceiro(a).

Sobre a qualidade semântica e de conteúdo dos itens

Em um processo de construção de um novo instrumento, é esperado que itens sejam eliminados após as avaliações dos juízes na análise semântica e na análise de conteúdo. Da primeira para a segunda versão da EASEX, apenas três itens foram retirados após essas etapas, o que sugere boa qualidade da redação e do conteúdo dos itens elaborados. A fase de refinamento com uso de IA, que serviu como um complemento à sinalização prévia dos juízes, seguiu na mesma direção. Corroborou a qualidade da escrita e do conteúdo, ao indicar um resultado da atribuição das categorias da assertividade sexual que se aproximou da proposta teórica que embasou a construção dos itens. Além disso, o refinamento com a IA mostrou-se uma técnica útil ao identificar a não representatividade de itens que, embora tenham atingido valores suficientes para permanecer na etapa seguinte, já haviam sido previamente questionados por juízes. A técnica também apontou de forma inédita a não representatividade de outros itens.

Portanto, pode-se afirmar que a IA foi utilizada, de forma benéfica, através de duas maneiras propostas por Beghetto et al. (2025): verificando a clareza e a coerência de declarações escritas por humanos e verificando o alinhamento das frases descritas nos itens com a definição do construto e com as dimensões propostas. Conforme os mesmos autores, o uso de IA requer cuidados e aconselham a perícia humana cuidadosa ao resultado gerado por ela. Neste estudo, a avaliação humana foi de que pode ter havido uma superinterpretação dos resultados. Por isso, apenas parte deles foi acatada.

Ao testar a utilização da escala com seu público-alvo, as observações feitas pelos entrevistados permitiram fazer os ajustes para que o instrumento cumprisse seu objetivo quanto à

inteligibilidade (Pasquali, 2010), assentindo sua aplicação em formato de autorrelato, sem intervenção de um aplicador. A partir disso, foi possível seguir com a coleta de dados para a continuidade da investigação sobre a qualidade do instrumento.

Sobre a estrutura da escala

Esta pesquisa adotou como proposta contemplar na escala o máximo, dentro do possível e adequado, das seis dimensões tomadas como referência para a construção dos itens, no sentido de uma maior abrangência. O estudo 2 se destinou a testar as soluções fatoriais para a determinação dos fatores da EASEX. O primeiro aspecto observado é que as análises preliminares mostraram a dificuldade de se medir o comportamento hostil. Ele se refere ao domínio proposto por Gil-Llario et al. (2022), e diz respeito a comportamentos que desconsideram a individualidade ou qualidade da relação com o parceiro sexual, como insistência, crítica ou reclamação em situações sexuais. Foram propostos para a EASEX para compor a lista de itens invertidos, representando a baixa assertividade, por envolverem a expressão de pensamentos e sentimentos de maneira não apropriada e/ou a violação dos direitos do outro (Del Prette & Del Prette, 2010; Lange & Jakubowski, 1976), e por terem repercussões na qualidade das relações sexuais e afetivas.

Apenas dois itens construídos para essa dimensão permaneceram para as fases seguintes, o que já indicava que este fator não seria contemplado pela escala. Nas soluções finais, apenas o item “se meu parceiro/minha parceira se recusa a fazer sexo, insisto mais algumas vezes até que ele/ela aceite” se manteve nas duas soluções fatoriais, como um item invertido do fator nomeado como Prevenção a Riscos Sexuais, mas com baixa carga fatorial.

Entre os sete itens eliminados nas análises preliminares com base no critério dos valores de assimetria e curtose, quatro deles haviam sido construídos para integrar essa dimensão. Uma

interpretação para isso é que os comportamentos de hostilidade, descritos como parte do polo da agressividade, são extremos para o público-alvo dessa pesquisa e por isso uma grande quantidade de participantes marcou respostas semelhantes, como “nunca” ou “poucas vezes”. Outra possibilidade é a influência da desejabilidade social. As pessoas podem rejeitar a ideia de serem hostis nos comportamentos sexuais, principalmente devido a esse ser um tópico socialmente discutido na atualidade e gerador de críticas. Na ASQR (Gil-Llario et al., 2022), desenvolvida com uma amostra da população espanhola consideravelmente maior do que a da pesquisa atual, o fator da escala apresentou a média mais baixa entre todos os fatores, o que indica que o autorrelato do comportamento hostil entre parceiros sexuais não é comum. Pesquisas futuras que se destinem a estudar o comportamento hostil no sexo podem buscar outras maneiras de investigá-lo, para que ele apareça com maior clareza.

A análise fatorial exploratória indicou uma solução de três fatores como a melhor estrutura para o instrumento. O primeiro fator, prevenção a riscos sexuais, trata de comportamentos protetivos contra consequências indesejadas no sexo. Os seus itens foram construídos com base nas dimensões da insistência no uso do preservativo e da comunicação sobre os riscos sexuais, as quais na EASEX se uniram a um único fator. A primeira parte da dimensão envolve a solicitação ao parceiro do uso do preservativo na relação sexual e tem sua importância na prevenção ao sexo desprotegido (Morokoff et al., 1997; Morokoff et al., 2009; Moyano et al., 2021; Uribe et al., 2013) e, portanto, na prevenção a ISTs ou à gravidez indesejada. A segunda parte da dimensão é sobre perguntar ao parceiro sobre o quanto ele se preveniu sexualmente no passado, sendo um outro tipo de cuidado relacionado com a contaminação por ISTs.

Outras escalas incluíram apenas uma das partes ou nenhuma, mas não as duas simultaneamente (Loshek & Terrell, 2014; Morokoff et al., 1997; Quina et al., 2000). Por isso, a EASEX avança nessa direção, incluindo ambos os componentes, ainda que em uma única dimensão. A prevenção aos riscos se alinha ao conceito e a subclasses da assertividade por envolver comportamentos de questionar, recusar pedidos e defender os próprios direitos de ter uma relação sexual segura (Del Prette & Del Prette, 2017).

O segundo fator obtido pela análise fatorial foi iniciar e comunicar satisfação sexual, que trata de comportamentos de iniciativa física e comunicação verbal alinhados com o próprio desejo e destinados à satisfação sexual de si e do outro. Neste estudo, repetiu-se o que ocorreu na SAQ (Loshek & Terrell, 2014), em que uniram-se em uma única dimensão os itens construídos com base nos fatores da iniciação de ato sexual desejado e da comunicação sobre a satisfação sexual e os desejos sexuais. Esses dois fatores têm se mostrado importantes em vários desfechos, principalmente na satisfação sexual (Couture et al., 2025; Zhang et al., 2022), na satisfação conjugal (Morokoff et al., 1997) e na autoestima sexual (Gil-Llario et al., 2022; Torres-Obregon et al., 2019).

As subclasses da assertividade fazer pedidos e opinar, preconizadas por Del Prette & Del Prette (2017), são cobertas por itens da EASEX nesse segundo fator. Os outros itens do fator estão listados por esses autores em classes como habilidades de comunicação e expressão de afeto e intimidade. Esses itens são os alusivos a comunicar desejos, convidar para sexo, iniciar assunto sobre sexo, pedir feedback sobre o desempenho, elogiar e ter iniciativa física. Todavia, propomos que todos os comportamentos de iniciação e comunicação para a satisfação sexual sejam chamados de assertivos por dois motivos. Primeiramente, porque em muitas ocasiões ou em determinados tipos de parcerias sexuais, eles podem ter a função de enfrentamento e

envolver, em algum grau, risco de reação indesejável do interlocutor. Segundo, porque por um lado pragmático, a literatura internacional consolidou essa nomeação, ao ponto de que propor novos tópicos, discuti-los e relacioná-los se torna mais fácil e eficaz com a alcunha usual. Ressalta-se também a afirmação de Del Prette & Del Prette (2017) de que os portfólios de Habilidades Sociais não devem ser vistos como estruturas definitivas e consensuais.

O terceiro fator sugerido pela análise fatorial foi a recusa de ato sexual indesejado, que diz respeito à comunicação instantânea, física ou verbal, de que um ato ou situação sexual proposta pelo parceiro sexual não é desejada. Esse fator permaneceu com o conteúdo geral semelhante ao de instrumentos que o incluíram (Loshek & Terrell, 2014; Morokoff et al., 1997). Sua relevância está em vários desfechos relativos ao bem-estar individual e relacional, mas destacam-se as pesquisas que relacionaram esse fator à prevenção à vitimização sexual (Livingston et al., 2007; Schry & White, 2013). Estão envolvidas nos comportamentos desse fator as subclasses da assertividade referentes a recusar pedidos, pedir mudança de comportamento e defender o direito à autonomia sobre o próprio corpo (Del Prette & Del Prette, 2017). Sobre a recusa de pedidos, Del Prette & Del Prette (2010) afirmam que a maneira apropriada envolve habilidades como dizer não sem se desculpar ou apresentando uma breve justificativa, e ressaltam o frequente temor a consequências negativas comuns a essa subclasse, como o término de uma relação ou reações agressivas.

Estes três fatores mostraram-se sólidos, qualquer que fosse a estrutura obtida. No entanto, outros dois fatores foram sugeridos pela análise gráfica exploratória (EGA). O primeiro, “comunicação para o prazer mútuo”, era formado por itens que descreviam perguntas sobre preferências e opiniões do parceiro e dialogar sobre como melhorar as relações sexuais para ambos. Este conteúdo leva em consideração o prazer gerado para si próprio ao proporcionar

satisfação ao outro, e também a dificuldade de emissão desses comportamentos em muitas parcerias. Os itens dessa dimensão foram desenvolvidos após uma das entrevistadas do Estudo 1 ter relatado o desejo e a dificuldade de indagar à parceira sobre quão prazeroso foi o sexo. Esse conteúdo ainda não havia sido descrito na literatura de assertividade sexual.

O segundo fator adicional, também não descrito na literatura de forma independente, foi nomeado como “comunicação sobre desagrado ou desinteresse” e uniu itens que descrevem situações que possivelmente exigem uma maior assertividade. Conceitualmente, está congruente com a subclasse da assertividade relativa a expressar desagrado e pedir mudança de comportamento (Del Prette & Del Prette, 2017). Del Prette & Del Prette (2010) sustentam que emoções negativas como o desagrado são difíceis de serem expressas, contudo, para prevenir problemas no relacionamento ou garantir a autenticidade de uma relação, é importante a expressão adequada dessas emoções, com automonitoramento e referência ao comportamento do interlocutor e não à pessoa. Um aspecto controverso desse fator foi a presença do item “se o sexo me desagrada, digo para meu parceiro/minha parceira que o desempenho dele/dela não foi muito bom”, o qual foi construído para representar o comportamento hostil, por ele ser alusivo ao comportamento de criticar de uma forma que talvez fosse vista como dura ou muito direta. Entretanto, na fase do refinamento por IA, ele foi categorizado como pertencente à dimensão da comunicação sobre a satisfação e os desejos. E o público-alvo parece ter interpretado da mesma forma.

No terceiro estudo, buscamos confirmar a estrutura das duas soluções propostas e compará-las, para, enfim, eleger a melhor solução para a versão final da EASEX. Embora o modelo de cinco fatores tenha apresentado índices de ajuste ligeiramente superiores, a diferença em relação à solução de três fatores itens pode ser considerada muito pequena. Além disso, o fato

de o modelo de três fatores ter apresentado correlações apenas moderadas entre as dimensões, e o de cinco fatores ter tido correlações elevadas entre os dois fatores adicionais e o da iniciação e comunicação para a satisfação sexual, parece indicar maior distinção conceitual nos fatores da versão trifatorial da EASEX e maior redundância na versão de cinco fatores.

De forma complementar para essa tomada de decisão, na fidedignidade, embora ambas as soluções tenham apresentado coeficientes adequados para a escala total, o desempenho por fator reforçou a preferência pelo modelo mais conciso. Na versão com três fatores, todos eles apresentaram consistência interna adequada, especialmente nas dimensões de recusa de ato sexual indesejado e iniciação e comunicação para a satisfação. O fator prevenção a riscos sexuais, embora com valores mais modestos, manteve-se dentro de um intervalo aceitável. Já a solução de cinco fatores teve o fator comunicação sobre o desagrado com fidedignidade insatisfatória, o que poderia comprometer a coerência interna do modelo.

Além dos aspectos estatísticos, a solução de três fatores se mostrou mais parcimoniosa, econômica. Seus três fatores (recusa de ato sexual indesejado, prevenção a riscos sexuais e iniciação e comunicação para a satisfação) representam dimensões amplas do comportamento assertivo no contexto sexual, sem propor subdivisões desnecessárias. O modelo de cinco fatores acrescentou dimensões cuja distinção empírica foi limitada, aumentou a complexidade do instrumento e elevou o tempo de aplicação, sem ter em contrapartida ganhos proporcionais de validade.

Além disso, quase a totalidade dos 30 itens da versão de três fatores permaneceu em dimensões cujo conteúdo teórico é coerente com as categorias que foram previstas para cada um desses itens na fase da construção dos itens. Dos 12 itens que ficaram na dimensão da recusa, 11 foram previstos para ficar nessa dimensão. Apenas um item não foi previsto para essa dimensão,

e sim para a da comunicação: o 21 – “se durante o sexo eu sinto alguma dor que me desagrada, comunico imediatamente para meu parceiro/minha parceira”. Por ser um item inexistente em outras escalas, desenvolvido a partir das entrevistas, esse encaixe não era algo inesperado pelos autores. Dos cinco itens que ficaram em prevenção aos riscos sexuais, três foram construídos com base no fator da comunicação dos riscos sexuais e dois no fator relativo ao uso preservativo. Dos 13 itens de iniciação e comunicação para a satisfação, 10 itens foram previstos para o fator relativo à comunicação verbal, e 2 para o fator da iniciação.

Por tudo isso, uma análise comparativa a fim de identificar o modelo mais parcimonioso e adequado estatisticamente, indicou vantagens práticas e conceituais a favor do modelo de três fatores e 30 itens, sustentando assim sua adoção como a versão final da EASEX. Quanto ao grau de atingimento dos objetivos desta pesquisa relativos à abrangência da escala e à especificidade e adequação aos valores e expectativas contemporâneas dos itens, a versão final incluiu itens desenvolvidos a partir de cinco dimensões das seis tomadas como referência, com descrições de situações e comportamentos específicos que algumas escalas traziam de forma mais geral, alguns dos quais não faziam parte de nenhuma delas ou apenas de uma. Exemplos disso são: encerrar o sexo após ele já ter iniciado, comunicar dor, abordar com o parceiro sobre eventuais odores ou sinais visuais que podem indicar ISTs no parceiro, conduzir para outra posição sexual (respeitosamente), sugerir outra posição, pedir feedback do parceiro sobre e perguntar as preferências do parceiro, recusar toque indesejado (com explicação de que não é o melhor momento) e comunicar as preferências (durante o sexo). Alguns desses comportamentos apenas o ASQR incluía, como encerrar o sexo (Gil-Llario et al., 2022).

Sobre como a assertividade sexual, medida pela EASEX, consegue explicar desfechos positivos na vida das pessoas

O Estudo 4 investigou as relações de predição dos fatores da EASEX sobre outras variáveis. A recusa explicou o funcionamento sexual, a satisfação com a relação, a autoestima geral e níveis mais baixos de conflito. A prevenção a riscos sexuais explicou maiores níveis de percepção de amor e níveis mais baixos de conflito na relação. A iniciação e comunicação para a satisfação sexual explicou o funcionamento sexual, a autoestima geral, a autoestima sexual, a satisfação com a relação, a satisfação sexual, a percepção de satisfação do(a) parceiro(a) na relação e a percepção de satisfação sexual do(a) parceiro(a).

Os resultados corroboraram a hipótese de que a assertividade sexual está relacionada ao funcionamento sexual. No presente estudo, o funcionamento sexual foi explicado por dois dos três fatores da EASEX: iniciação/comunicação e recusa. Resultados convergentes foram observados nos estudos de Couture et al. (2022) e Couture et al. (2025), nos quais todos os cinco fatores da adaptação franco-canadense da HISA (recusa, iniciação, assumir o controle do próprio prazer, comunicação de necessidades e desejos sexuais e conforto ao falar sobre sexo) apresentaram correlações significativas com o funcionamento sexual. De forma semelhante, no estudo de Pereira (2021), realizado com mulheres brasileiras, a iniciação e a recusa apresentaram correlações positivas com todos os cinco domínios do funcionamento sexual analisados.

Por outro lado, observam-se divergências parciais entre os estudos. No estudo de Couture et al. (2025), ao se empregar o modelo diádico multivariado (APIM), a iniciação não manteve efeito significativo sobre o funcionamento sexual, sugerindo que sua associação observada em análises bivariadas ocorre de forma indireta ou por variância compartilhada com outras dimensões da assertividade sexual. Ademais, no estudo de Pereira (2021), o fator relacionado ao

uso do preservativo apresentou correlações positivas com o funcionamento sexual, embora fracas e restritas a três domínios específicos - excitação, orgasmo e satisfação. No presente estudo, o fator relacionado a prevenção não explicou o funcionamento sexual.

Em relação à satisfação sexual, esta pesquisa também reforça total ou parcialmente outros achados (Couture et al., 2025; May & Johnston, 2022; Zhang et al., 2022). Apenas a iniciação/comunicação foi preditora da satisfação sexual, o que converge com Zhang et al. (2022), em que, entre os fatores avaliados quanto à influência sobre a satisfação sexual - iniciação e recusa -, apenas a iniciação foi relevante. Já em Couture (2025), a comunicação das necessidades e desejos sexuais e o conforto em falar de sexo apresentaram correlações com a satisfação sexual, mas a recusa e a iniciação não apresentaram. Considerando a literatura e os resultados aqui apresentados, a conclusão de que a recusa ao ato sexual indesejado do parceiro não tem relações com a satisfação sexual é congruente, os achados sobre a iniciação e a satisfação são contraditórios, e a comunicação mostra ser o fator mais bem estabelecido como preditor da satisfação sexual

Maiores níveis de recusa e maiores níveis de iniciação/comunicação explicaram maiores níveis de autoestima geral, sugerindo que impor limites sexuais e comunicar-se com maior frequência no contexto sexual podem ter influência no senso geral de valor próprio. Esse achado diverge parcialmente dos resultados de May e Johnston (2022), que encontraram evidências no sentido inverso, isto é, da autoestima geral como preditora da assertividade sexual. No estudo dessas autoras, a assertividade sexual atuou como mediadora da relação entre autoestima geral e satisfação sexual, entretanto, quando a autoestima foi testada como variável mediadora entre assertividade sexual e satisfação sexual, não foram observados efeitos significativos.

Uma linha de pensamento que levanta um contraponto aos resultados do estudo atual relativos à autoestima é a de que, em alguns casos, quando o comportamento assertivo não é aceito pelo interlocutor, este pode apresentar como consequência a punição social, nas formas, por exemplo, de críticas ou afastamento, os quais, a longo prazo em uma relação, podem ter implicações negativas na autoestima geral. Todavia, Del Prette e Del Prette (2005) ressaltam a importância dos componentes não verbais do comportamento, dos paralinguísticos e da empatia na evitação das consequências indesejáveis quando se faz uso da assertividade. Portanto, uma hipótese é de que maior frequência de comportamentos sexualmente assertivos influencia positivamente a autoestima através de uma combinação com esses outros elementos. Outras pesquisas podem verificar se a empatia, os comportamentos não verbais e os paralinguísticos do comportamento mediam a relação entre a assertividade sexual e a autoestima.

No presente estudo, a autoestima sexual foi explicada pelo fator da iniciação/comunicação, resultado que converge com achados prévios da literatura. Torres-Obregon et al. (2019) observaram que a iniciação foi o preditor mais forte da autoestima sexual, e Gil-Llario et al. (2022) identificaram associações entre a autoestima sexual e os fatores de comportamento assertivo na iniciação e comportamento subassertivo. Esses dois fatores abrangem itens relacionados à comunicação e à iniciação sexual

A recusa e a prevenção dos riscos não foram relevantes para a autoestima sexual no estudo atual e no de Gil-Llario et al. (2022), provavelmente porque as habilidades de impor limites no sexo e adotar cuidados não interferem na imagem que se tem sobre a qualidade do próprio desempenho sexual. Contudo, Torres-Obregon et al. (2019) divergem dos supracitados ao verificar um efeito negativo da recusa e da insistência no preservativo sobre a autoestima sexual. Ou seja, apresentaram níveis mais baixos de autoestima relacionada ao próprio

desempenho sexual as mulheres que relatavam maior tendência a recusar investidas do parceiro e as que relatavam maior tendência a insistir no uso do preservativo. Pesquisas futuras podem verificar novamente essas relações, ratificando sua existência, como no estudo de Torres-Obregon et al. (2019), ou a ausência de quaisquer efeitos, como nosso estudo e no de Gil-Llario et al. (2022).

Os resultados também evidenciaram a importância da assertividade sexual para a relação em um âmbito além do sexo. Iniciação/comunicação e recusa tiveram efeito positivo sobre a satisfação com a relação. Isso foi condizente com os resultados de Morokoff et al. (1997), em que a iniciação e a recusa foram as dimensões correlacionadas à satisfação conjugal. Em Zhang e Yip (2018), apenas maior recusa explicou maior satisfação conjugal.

Os resultados do Estudo 4 também indicaram efeitos de dimensões da assertividade sexual sobre o conflito e o amor na relação. Especificamente, maiores níveis de recusa e maiores níveis de prevenção a riscos sexuais estiveram associados a uma relação menos conflituosa. Além disso, maiores níveis de prevenção a riscos sexuais explicaram maiores níveis de amor, indicando que comportamentos preventivos no contexto sexual se associam a uma percepção mais elevada de afeto ou vínculo amoroso com o parceiro. Pode parecer contra intuitivo que dizer não a investidas sexuais do parceiro e/ou regular o sexo com atitudes de maior prudência proporcionem qualidade a uma relação afetiva, porém esses comportamentos podem transmitir segurança e cuidado, promover maior previsibilidade, limites claros e evitar ressentimento. Os dados podem ser interpretados, portanto, no sentido de que esses comportamentos assertivos são capazes de evitar problemas de relacionamento a longo prazo (Del Prette & Del Prette, 2010).

A percepção de satisfação do(a) parceiro(a) na relação e a percepção de satisfação sexual do(a) parceiro(a) foram ambas explicadas pela iniciação/comunicação. Esses achados sugerem

que maiores níveis de expressão de desejos e pensamentos no contexto sexual podem influenciar em avaliações mais positivas sobre quão satisfeito está o parceiro. Uma hipótese é de que o engajamento sexual é interpretado socialmente como algo que gera satisfação no parceiro sexual. Outra possibilidade é que iniciativa e comunicação sejam mais evocados em relacionamentos mais favoráveis e responsivos a isso, em que o parceiro sinaliza claramente que esses comportamentos serão valorizados e os sucede com consequências agradáveis, fortalecendo o próprio padrão de iniciativa e comunicação. Uma terceira hipótese é de que comportamentos sexualmente assertivos na iniciação e na comunicação tendem realmente a gerar maior satisfação na parceria. Em um estudo com casais heterossexuais, o conforto do parceiro em falar sobre sexo influenciou positivamente a satisfação sexual feminina, e a iniciação e o conforto em falar sobre sexo influenciaram positivamente a satisfação sexual masculina (Couture et al., 2025). Em outro estudo com díades, que avaliou apenas a assertividade feminina, maior habilidade de iniciação por parte das mulheres explicou maior satisfação sexual dos homens (Zhang et al., 2022).

O gênero e a orientação sexual, incluídos como covariáveis de controle nos modelos de regressão, não exerceram efeito significativo na maioria das variáveis individuais e relacionais investigadas. Entretanto, observou-se que o gênero apresentou influência no desfecho funcionamento sexual e a orientação sexual influenciou no desfecho de autoestima geral. Mais especificamente, mulheres tiveram tendência a apresentar escores mais baixos de funcionamento sexual do que homens e participantes não heterossexuais a apresentar níveis mais baixos de autoestima geral do que heterossexuais. Esses resultados indicam que o funcionamento sexual feminino pode sofrer influência de fatores associados às experiências de gênero que não se esgotam no nível de assertividade sexual, como uma sexualidade mais responsiva ao contexto relacional e emocional e a interferência de normas de gênero que tendem a atribuir menor

centralidade ao desejo feminino. Os resultados sugerem também que experiências de estigmatização e discriminação vivenciadas por participantes não heterossexuais (homossexuais, bissexuais e outras orientações) podem influenciar negativamente a autoestima geral, independentemente do nível de assertividade sexual.

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo o desenvolvimento de uma escala que contemplasse, de forma ampla e atualizada, as diferentes situações e comportamentos envolvidos na assertividade sexual, considerando lacunas observadas em instrumentos previamente existentes. De modo satisfatório, a solução fatorial incluiu itens representativos de cinco das seis dimensões teóricas inicialmente propostas, atendendo ao objetivo inicial da abrangência. A versão final da Escala de Assertividade Sexual (EASEX), composta pelos fatores prevenção a riscos sexuais, recusa de ato sexual indesejado e iniciação e comunicação para satisfação sexual, mostrou-se mais parcimoniosa em comparação ao modelo de cinco fatores, apresentando menor número de fatores e de itens, mas mantendo a mesma abrangência teórica. Essa maior parcimônia sugere maior viabilidade de aplicação em diferentes contextos e públicos-alvo, sem prejuízo para sua qualidade psicométrica.

A EASEX apresentou evidências consistentes de validade e fidedignidade. As etapas de análise semântica, análise de conteúdo, aplicação teste e refinamento com apoio de inteligência artificial forneceram evidências relevantes de validade de conteúdo, ao indicarem adequação da escrita dos itens e pertinência teórica em relação ao construto avaliado. Evidências de validade de estrutura interna foram observadas a partir das soluções obtidas na AFE e na AFC, com cargas fatoriais e índices de ajuste adequados. Os coeficientes de fidedignidade, estimados por meio do alfa de Cronbach e do ômega de McDonald, variaram de aceitáveis a elevados,

indicando precisão adequada da medida. Ademais, as relações significativas da EASEX com variáveis de relevância teórica para a assertividade sexual constituíram importantes evidências de validade convergente.

Destaca-se que a EASEX é a primeira escala de assertividade sexual desenvolvida originalmente para o contexto brasileiro, considerando, desde a fase de construção dos itens, a diversidade de gêneros e orientações sexuais. A abrangência constituiu uma das principais justificativas para o desenvolvimento do instrumento, tanto no que se refere à cobertura de diferentes porções do construto quanto à inclusão de diferentes grupos populacionais. A diversidade da amostra, portanto, configura-se como um dos pontos fortes do trabalho. Também foi um objetivo contemplado a especificidade sobre os comportamentos e situações descritos. Dessa forma, a EASEX apresenta potencial para avaliar a assertividade sexual da população brasileira de maneira abrangente e sensível às nuances do comportamento sexual, contribuindo para a amplificação dessa temática nos campos das habilidades sociais e da sexualidade.

Apesar dos resultados promissores, algumas limitações devem ser consideradas. Em relação à amostra, observou-se predominância de participantes com graduação completa e incompleta, e de pessoas autodeclaradas brancas. Além disso, embora um homem transgênero tenha participado da aplicação teste e outras pessoas transgênero tenham participado das etapas quantitativas subsequentes, a ausência desse grupo nas entrevistas para a construção dos itens configura uma limitação. Outra limitação refere-se à estrutura do fator prevenção a riscos sexuais. A junção de itens relativos à insistência no uso do preservativo e à comunicação sobre riscos sexuais pode ter aumentado a heterogeneidade interna do fator, o que possivelmente contribuiu para coeficientes de fidedignidade mais baixos em comparação aos demais fatores,

bem como para os índices de ajuste ligeiramente acima dos pontos de corte tradicionalmente recomendados.

Recomenda-se que, em estudos futuros, sejam buscadas amostras heterogêneas no que diz respeito à escolaridade e à raça/cor, além de incluir nível socioeconômico como uma outra variável relevante. Ressalta-se também a importância de validar a EASEX para o público adolescente e idoso, já que nesta dissertação o foco foi a validação para a população adulta de 18 a 59 anos. Para ampliação das evidências de validade da escala, estudos futuros podem investigar evidências de validade de critério, considerando variáveis como gênero, idade e tempo de relacionamento. Também fortalecer as informações sobre a estrutura interna, incluindo análises de invariância de gênero, procedimento necessário para assegurar a comparabilidade das medidas entre grupos. Ademais, novas pesquisas podem explorar as relações entre assertividade sexual e outras variáveis relevantes ainda não investigadas no contexto brasileiro, como vitimização sexual. Estudos transversais e longitudinais podem contribuir para a compreensão da influência bidirecional entre vitimização sexual e recusa de atos sexuais indesejados.

Por fim, embora nesta dissertação a assertividade sexual tenha sido examinada como variável preditora, investigações futuras podem analisar fatores explicativos da assertividade sexual, incluindo autoestima, adesão a normas de gênero, regulação emocional, desejo e excitação sexual, perfeccionismo sexual, expectativa de uma reação negativa do parceiro ao uso de preservativo e percepção de falta de controle em situações sexuais.

Referências

- Aiken, L. R. (1980). Content validity and reliability of single items or questionnaires. *Educational and Psychological Measurement*, 40, 955–959. <https://doi.org/10.1177/001316448004000419>
- Aiken, L. R. (1985). Three coefficients for analyzing the reliability and validity of ratings. *Educational and Psychological Measurement*, 45, 131-142. <https://doi.org/10.1177/0013164485451012>
- Auslander, B. A., Baker, J., & Short, M. B. (2012). The connection between young women's body esteem and sexual assertiveness. *Journal of Pediatric & Adolescent Gynecology*, 25(2), 127-130. <https://doi.org/10.1016/j.jpag.2011.11.008>
- Beghetto, R.A., Ross, W., Karwowski, M., & Glăveanu, V.P. (2025). Partnering with AI for instrument development: Possibilities and pitfalls. *New Ideas Psychol.*, 76, 101121. <https://doi.org/10.1016/j.newideapsych.2024.101121>
- Benoit, A. A., & Ronis, S. T. (2022). A qualitative examination of withdrawing sexual consent, sexual compliance, and young women's role as sexual gatekeepers. *International Journal of Sexual Health*, 34(4), 577–592. <https://doi.org/10.1080/19317611.2022.2089312>
- Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2014). The role of social skills in social anxiety of university students. *Paidéia*, 24(58), 223–232. <https://doi.org/10.1590/1982-43272458201410>
- Bolsoni-Silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2016). O impacto das habilidades sociais para a depressão em estudantes universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(4), 1–8. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e324212>

- Cassepp-Borges, V., Balbinotti, M. A., & Teodoro, M. L. (2010). Tradução e validação de conteúdo: uma proposta para a adaptação de instrumentos. Em Pasquali, L. (Org.), *Instrumentação psicológica: Fundamentos e práticas*, (pp. 506-520). Artmed.
- Chesli, S.R., Bostani Khalesi, Z. & Chenari, S.S (2024). The role of sexual self-esteem, sexual desire, and sexual assertiveness in the female sexual function. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 37, 21. <https://doi.org/10.1186/s41155-024-00303-4>
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2nd ed.). Lawrence Erlbaum Associates.
- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. (2021). *Ofício Circular nº 2, de 24 de fevereiro de 2021*. https://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf
- Conselho Nacional de Saúde. (2012). *Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012*. <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>
- Conselho Nacional de Saúde. (2016). *Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016*. https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html
- Couture, S., Hébert, M., & Fernet, M. (2022). Validation of a french-canadian adaptation of the hurlbert index of sexual assertiveness for adolescents. *Sexual and Relationship Therapy*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1080/14681994.2022.2067981>
- D'Agostino, R. Jr. (2000). The Female Sexual Function Index (FSFI): a multidimensional self-report instrument for the assessment of female sexual function. *J Sex Marital Ther*, 26(2), 191-208. <https://doi.org/10.1080/009262300278597>
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2010). *Psicologia das relações interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo* (4ª ed.). Vozes.

- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2005). *Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e prática*. Vozes.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2017). *Competência social e habilidades sociais: manual teórico-prático*. Editora Vozes Limitada.
- Del Prette, Z. A. P., & Del Prette, A. (2019). Instrumentos de avaliação de habilidades sociais no Brasil. In M. N. Baptista, M. Muniz, C. T. Reppold, C. H. S. da S. Nunes, L. de F. Carvalho, R. Primi, A. P. P. Noronha, A. G. Seabra, S. M. Wechsler, C. S. Hutz, & L. Pasquali (Orgs.), *Compêndio de avaliação psicológica* (pp. 376–396). Vozes.
- Elias, L. C. D. S., & Amaral, M. V. (2016). Habilidades sociais, comportamentos e desempenho acadêmico em escolares antes e após intervenção. *Psico-USF*, *21*(1), 49-61.
<https://doi.org/10.1590/1413-82712016210105>
- Ferrando, P. J., & Lorenzo-Seva, U. (2017). Program FACTOR at 10: Origins, development and future directions. *Psicothema*, *29*(2), 236-241.
<https://doi.org/10.7334/psicothema2016.304>
- Ferrando, P. J., Hernandez-Dorado, A., & Lorenzo-Seva, U. (2022). Detecting Correlated Residuals in Exploratory Factor Analysis: New Proposals and a Comparison of Procedures. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, *29*(4), 630–638.
<https://doi.org/10.1080/10705511.2021.2004543>
- Gagnon, J. H., & Simon, W. (1973). *Sexual conduct: The social sources of human sexuality*. AldineTransaction.
- Gil-Llario, M. D., Fernández-García, O., Gil-Juliá, B., Estruch-García, V., & Ballester-Arnal, R. (2022). Development and psychometric properties of an instrument for the assessment of

- assertiveness in sexual relations. *Sexuality Research & Social Policy: A Journal of the NSRC*, 19(3), 1255–1269. <https://doi.org/10.1007/s13178-021-00630-6>
- Golino H. F., & Epskamp S. (2017) Exploratory graph analysis: A new approach for estimating the number of dimensions in psychological research. *PLoS ONE*, 12(6): e0174035. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0174035>
- Golino, H., Shi, D., Christensen, A. P., Garrido, L. E., Nieto, M. D., Sadana, R., Thiyagarajan, J. A., & Martinez-Molina, A. (2020). Investigating the performance of exploratory graph analysis and traditional techniques to identify the number of latent factors: A simulation and tutorial. *Psychological methods*, 25(3), 292–320. <https://doi.org/10.1037/met0000255>
- Greene, K., & Faulkner, S. L. (2005). Gender, belief in the sexual double standard, and sexual talk in heterosexual dating relationships. *Sex Roles*, 53(3), 239–251. <https://doi.org/10.1007/s11199-005-5682-6>
- Hair Jr., J. F., Babin, B., Money, A. H., & Samouel, P. (2005). *Fundamentos de métodos de pesquisa em Administração*. Porto Alegre: Bookman.
- Hair, J. F., Jr., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados* (6ª ed.). Bookman.
- Harrington, A. G., Maxwell, J. A. (2023). It takes two to tango: Links between traditional beliefs about both men’s and women’s gender roles and comfort initiating sex and comfort refusing sex. *Sex Roles*, 88(1), 514–528. <https://doi.org/10.1007/s11199-023-01366-w>
- Hochman, B., Nahas, F. X., De Oliveira Filho, R. S., & Ferreira, L. M. (2005). Desenhos de pesquisa. *Acta Cirúrgica Brasileira*, 20, 2–9. <https://doi.org/10.1590/S0102-86502005000800002>

- Hurlbert, D. F. (1991). The role of assertiveness in female sexuality: A comparative study between sexually assertive and sexually nonassertive women. *Journal of Sex and Marital Therapy, 17*(3), 183–190. <https://doi.org/10.1080/00926239108404342>
- James-Hawkins, L., & Jozkowski, K. N. (2023). “I just wasn’t thinking”: Strategic ambiguity and women’s accounts of unprotected sex. *The Journal of Sex Research, 61*(5), 695–708. <https://doi.org/10.1080/00224499.2023.2201252>
- Jardim, M. E. D. M., & Soares, A. B. (2023). Self-efficacy and social skills: mediators of the relationship between stress and academic adaptation. *Paidéia (Ribeirão Preto), 33*(1), e3339. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3339>
- JASP Team. (2020). *JASP (Version 0.14.1.0) [Computer software]*. <https://jasp-stats.org/>
- Kalmbach, D. A., Ciesla, J. A., Janata, J. W., & Kingsberg, S. A. (2015). The Validation of the Female Sexual Function Index, Male Sexual Function Index, and Profile of Female Sexual Function for Use in Healthy Young Adults. *Archives of sexual behavior, 44*(6), 1651–1662. <https://doi.org/10.1007/s10508-014-0334-y>
- Kluck, A. S., Hughes, K., & Zhuzha, K. (2018). Sexual perfectionism and women’s sexual assertiveness: Understanding the unique effects of perfectionistic expectations about sex originating from and directed toward the sexual partner. *Sex Roles, 79*, 715–725. <https://doi.org/10.1007/s11199-018-0901-0>
- Koss, M. P., Abbey, A., Campbell, R., Cook, S., Norris, J., Testa, M., Ullman, S., West, C., & White, J. (2007). Revising the SES: A collaborative process to improve assessment of sexual aggression and victimization. *Psychology of Women Quarterly, 31*(4), 357-370. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2007.00385.x>

- Lammers, J., & Stoker, J. I. (2019). Power affects sexual assertiveness and sexual esteem equally in women and men. *Archives of sexual behavior*, *48*(2), 645–652.
<https://doi.org/10.1007/s10508-018-1285-5>
- Lange, A. J., & Jakubowski, P. (1976). *Responsible Assertive Behavior*. Research Press Co.
- Livingston, J. A., Testa, M., & VanZile-Tamsen, C. (2007). The reciprocal relationship between sexual victimization and sexual assertiveness. *Violence Against Women*, *13*(3), 298–313.
<https://doi.org/10.1177/1077801206297339>
- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P. J. (2021). MSA: The forgotten index for identifying inappropriate items before computing exploratory item factor analysis. *Methodology: European Journal of Research Methods for the Behavioral and Social Sciences*, *17*(4), 296–306. <https://doi.org/10.5964/meth.7185>
- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P. J. (2025). FACTOR (*Version 12.06.08*) [*Computer software*]. Universitat Rovira i Virgili. <https://psico.fcep.urv.cat/utilitats/factor/>
- Losa-Iglesias, M. E., López López, D., Rodríguez Vazquez, R., & Becerro de Bengoa-Vallejo, R. (2017). Relationships between social skills and self-esteem in nurses: a questionnaire study. *Contemporary Nurse*, *53*(6), 681–690.
<https://doi.org/10.1080/10376178.2018.1441729>
- Loshek, E., & Terrell, H. K. (2014). The development of the Sexual Assertiveness Questionnaire (SAQ): A comprehensive measure of sexual assertiveness for women. *The Journal of Sex Research*, *0*(0), 1–11. <https://doi.org/10.1080/00224499.2014.944970>
- Marin, A. H., Schaefer, M. P., Lima, M., Rolim, K. I., Fava, D. C., & Feijó, L. P. (2021). Delineamentos de pesquisa em psicologia clínica: Classificação e aplicabilidade.

Psicologia: Ciência E Profissão, 41, e221647, 1–17. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003221647>

Mark, K. P., Herbenick, D., Fortenberry, J. D., Sanders, S., & Reece, M. (2014). A psychometric comparison of three scales and a single-item measure to assess sexual satisfaction. *Journal of sex research*, 51(2), 159–169.

<https://doi.org/10.1080/00224499.2013.816261>

May, A., & Johnston, K. L. (2022). Ego-centred and partner/activity-focused sexual satisfaction: The role of self-esteem and sexual assertiveness in cisgender heterosexual women. *Sex Roles: A Journal of Research*, 86(3-4), 179–188. <https://doi.org/10.1007/s11199-021-01258-x>

Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. (2024). *Notificações de violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil, 2015 a 2021* (Boletim Epidemiológico, 54(8)).

<https://www.gov.br/saude>

Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. (2025). *HIV e AIDS 2025* (Boletim Epidemiológico, número especial). <https://www.gov.br/saude>

Moeller, R. W., & Seehuus, M. (2019). Loneliness as a mediator for college students' social skills and experiences of depression and anxiety. *Journal of adolescence*, 73(1), 1–13.

<https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2019.03.006>

Montero, I., & León, O. G. (2007). A guide for naming research studies in psychology. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 7(3), 847–862.

<https://www.redalyc.org/pdf/337/33770318.pdf>

Morokoff, P. J., Quina, K., Harlow, L. L., Whitmire, L., Grimley, D. M., Gibson, P. R., & Burkholder, G. J. (1997). Sexual Assertiveness Scale (SAS) for women: Development

- and validation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73(4), 790–804.
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.73.4.790>
- Morokoff, P.J., Redding, C. A., Harlow, L. L., Cho, S., Rossi, J. S., Meier, K. S., & Brown-Peterside, P. (2009). Associations of sexual victimization, depression, and sexual assertiveness with unprotected sex: A test of the multifaceted model of HIV Risk across gender. *Journal of Applied Biobehavioral Research*, 14(1), 30–54.
<https://doi.org/10.1111/j.1751-9861.2009.00039.x>
- Moyano, N., Granados, R., Durán C.A., & Galarza C. (2021). Self-esteem, attitudes toward love, and sexual assertiveness among pregnant adolescents. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(3):1270.
<https://doi.org/10.3390/ijerph18031270>
- Muthén, B., & Kaplan D. (1985). A comparison of some methodologies for the factor analysis of non-normal Likert variables. *British Journal of Mathematical and Statistical Psychology*, 38, 171-189. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8317.1985.tb00832.x>
- Muthén, B., & Kaplan D. (1992). A comparison of some methodologies for the factor analysis of non-normal Likert variables: A note on the size of the model. *British Journal of Mathematical and Statistical Psychology*, 45, 19-30. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8317.1992.tb00975.x>
- Nagy, L., Koós, M., Kraus, Dr. S. W., Demetrovics, Z., Potenza, M. N., Ballester-Arnal, R., Batthyány, D., Bergeron, S., Billieux, J., Briken, P., Burkauskas, J., Cárdenas-López, G., Carvalho, J., Castro-Calvo, J., Chen, L., Chen, J.-K., Ciocca, G., Corazza, O., Csako, R., ... Bóthe, B. (2025). Sexual assertiveness across cultures, genders, and sexual

- orientations: Validation of the Short Sexual Assertiveness Questionnaire (SAQ-9). *Assessment*, 0(0). <https://doi.org/10.1177/10731911241312757>
- Niehuis, S., Davis, K., Reifman, A., Callaway, K., Luempert, A., Oldham, C. R., Head, J., & Willis-Grossmann, E. (2024). Psychometric Evaluation of Single-Item Relationship Satisfaction, Love, Conflict, and Commitment Measures. *Personality & social psychology bulletin*, 50(3), 387–405. <https://doi.org/10.1177/01461672221133693>
- Nilson, T. V., Amato, A. A., Resende, C. N., Primo, W. Q. S. P., Nomura, R. M. Y., Costa, M. L., Opperman, M. L., Brock, M., Trapani Junior, A., Damasio, L. C. V. D. C., Reis, N., Borges, V., Araújo, A. C., Ruano, R., & Zaconeta, A. C. M. (2023). Unplanned pregnancy in Brazil: national study in eight university hospitals. *Revista de saude publica*, 57, 35. <https://doi.org/10.11606/s1518-8787.2023057004449>
- Noar, S. M., Carlyle, K., & Cole, C. (2006). Why communication is crucial: Meta-analysis of the relationship between safer sexual communication and condom use. *Journal of Health Communication*, 11(4), 365–390. <https://doi.org/10.1080/10810730600671862>
- Pacagnella, R. C., Vieira, E. M., Rodrigues Jr., O. M., & de Souza, C. (2008). Adaptação transcultural do Female Sexual Function Index. *Cad. Saúde Pública*, 24(2), 416-426. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2008000200021>
- Parrish, R. G. (2010). Measuring population health outcomes. *Preventing chronic disease*, 7(4), A71. http://www.cdc.gov/pcd/issues/2010/jul/10_0005.htm.
- Pasquali, L. (2010). *Instrumentação psicológica: Fundamentos e práticas*. Artmed.
- Pereira, A. S. (2021). *Adaptação transcultural e evidências de validade de dois instrumentos para avaliação da sexualidade da mulher brasileira*. [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal do Rio de Janeiro. <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/5742>

- Pimentel, C. E., Silva, F. M. D. S. M. D., Santos, J. L. F. D., Oliveira, K. G., Freitas, N. B. C., Couto, R. N., & Brito, T. R. D. S. (2018). Single-item self-esteem scale: Brazilian adaptation and relationship with personality and prosocial behavior. *Psico-USF*, 23(1), 1-11. <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230101>
- Quina, K., Harlow, L. L., Morokoff, P. J., & Burkholder, G. (2000). Sexual communication in relationships: When words speak louder than actions. *Sex Roles*, 42, 523–549. <https://doi.org/10.1023/A:1007043205155>
- R Core Team. (2020). R: A language and environment for statistical computing [Computer software]. R Foundation for Statistical Computing. <https://www.R-project.org/>
- Robins, R. W., Hendin, H. M., & Trzesniewski, K. H. (2001). Measuring global self-esteem: Construct validation of a single-item measure and the Rosenberg Self-Esteem Scale. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27(2), 151–161. <https://doi.org/10.1177/0146167201272002>
- Rosen, R., Brown, C., Heiman, J., Leiblum, S., Meston, C., Shabsigh, R., Ferguson, D., & Rosseel, Y. (2012). Lavaan: An R Package for Structural Equation Modeling. *Journal of Statistical Software*, 48(2), 1–36. <https://doi:10.18637/jss.v048.i02>.
- RStudio Team (2020). RStudio: Integrated Development for R. RStudio, PBC. <http://www.rstudio.com>
- Santos-Iglesias, P., & Sierra, J. C. (2012). Sexual victimization among spanish college women and risk factors for sexual revictimization. *Journal of Interpersonal Violence*, 27(17), 3468–3485. <https://doi.org/10.1177/0886260512445383>

- Schry, A. R., & White, S. W. (2013). Sexual assertiveness mediates the effect of social interaction anxiety on sexual victimization risk among college women. *Behavior Therapy, 44*(1), 125–136. <https://doi.org/10.1016/j.beth.2012.09.001>
- Silva, A. J. A. (2018). *Evidências de validade do Male Sexual Function Index em homens de diferentes orientações sexuais*. [Dissertação de mestrado]. Universidade Federal do Pará. <https://repositorio.ufpa.br/items/35e9c743-a532-4f61-b2ff-37d78d0bbdf9>
- Soto, C. M., & Segovia, J. L. (2009). Intervalos de confianza asimétricos para el índice la validez de contenido: Un programa Visual Basic para la V de Aiken. *Anales de Psicología, 25*(1), 169–171. <https://revistas.um.es/analesps/article/view/71631>
- Souza, M. S. d., Soares, A. B., & Freitas, C. P. P. (2021). Avaliação e acompanhamento de um Treinamento de Habilidades Sociais (THS) em crianças do ensino fundamental. *Psicologia Clínica, 33*(1), 95–118.
- Teixeira, C. M., Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2016). Assertividade: uma análise da produção acadêmica nacional. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva, 18*(2), 56–72. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v18i2.883>
- Testa, M., & Dermen, K. H. (1999). The differential correlates of sexual coercion and rape. *Journal of Interpersonal Violence, 14*(5), 548–561. <https://doi.org/10.1177/088626099014005006>
- Timmerman, M. E., & Lorenzo-Seva, U. (2011). Dimensionality assessment of ordered polytomous items with parallel analysis. *Psychological methods, 16*(2), 209–220. <https://doi.org/10.1037/a0023353>
- Torres-Obregon, R., Onofre-Rodríguez, D. J., Sierra, J. C., Granados, R., Garza-Elizondo, M. E., & Benavides-Torres, R. A. (2019). Factores interpersonales como predictores de la

- autoestima sexual en mujeres del noreste de México [Interpersonal factors as predictors of sexual self-esteem in women in Northeast Mexico]. *Revista internacional de andrologia*, 17(2), 55–59. <https://doi.org/10.1016/j.androl.2018.03.003>
- Uribe, J. I., Andrade, P. P., Zacarías S. X., & Betancourt, O. D. (2013) Predictores del uso del condón en las relaciones sexuales de adolescentes, análisis diferencial por sexo. *Revista Intercontinental de Psicología y Educación*, 15(2), 75-92. <https://www.redalyc.org/pdf/802/80228344005.pdf>
- Wolf, E. J., Harrington, K. M., Clark, S. L., & Miller, M. W. (2013). Sample size requirements for structural equation models: An evaluation of power, bias, and solution propriety. *Educational and psychological measurement*, 76(6), 913–934. <https://doi.org/10.1177/0013164413495237>
- Wolpe, R. E., Zomkowski, K., Silva, F. P., Queiroz, A. P. A., & Sperandio, F. F. (2017). Prevalence of female sexual dysfunction in Brazil: A systematic review. *European journal of obstetrics, gynecology, and reproductive biology*, 211, 26–32. <https://doi.org/10.1016/j.ejogrb.2017.01.018>
- Ximenes, V. S., Queluz, F. N. F. R., & Barham, E. J. (2022). Relação entre habilidades sociais, suporte social e qualidade de vida em cuidadores. *Psico-USF*, 27(1), 115-127. <https://doi.org/10.1590/1413-82712022270109>
- Zerubavel, N., & Messman-Moore, T. L. (2013). Sexual victimization, fear of sexual powerlessness, and cognitive emotion dysregulation as barriers to sexual assertiveness in college women. *Violence Against Women*, 19(12), 1518–1537. <https://doi.org/10.1177/1077801213517566>

Zhang, H., & Yip, P. S. F. (2018). Perceived and actual behavior in female sexual assertiveness: A within-couple analysis in Hong Kong. *Journal of sex & marital therapy*, 44(1), 87–95. <https://doi.org/10.1080/0092623X.2017.1321597>

Zhang, H., Xie, L., Lo, S. S. T., Fan, S., & Yip, P. (2022). Female sexual assertiveness and sexual satisfaction among chinese couples in Hong Kong: A dyadic approach. *The Journal of Sex Research*, 59(2), 203–211. <https://doi-org.ez14.periodicos.capes.gov.br/10.1080/00224499.2021.1875187>

ANEXO A

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 – São Luís - Maranhão

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa “**Desenvolvimento de um instrumento brasileiro para avaliação da assertividade sexual**”, sob a responsabilidade do Prof. Dr. Lucas Guimarães Cardoso de Sá, em colaboração com o discente Lucas Rolim Garrido. Você foi convidado (a) para participar por fazer parte da população-alvo desta pesquisa, ou seja, tem entre 18 anos e 59 anos e já teve pelo menos uma relação sexual. O objetivo deste estudo é construir uma nova escala para avaliar a assertividade sexual, verificando sua qualidade. O motivo que nos leva a fazer este estudo é que temos poucas informações científicas no Brasil sobre a assertividade sexual e ferramentas para medi-la, então é importante ter um conhecimento mais aprofundado sobre o assunto.

Sua participação consistirá em responder a instrumentos que avaliam o grau de assertividade sexual; regulação emocional; autoestima; e satisfação conjugal. Para responder os questionários, você receberá um link do Formulários Google, clicar nele, ler cada pergunta e escolher uma resposta entre as opções apresentadas. Ao todo, o tempo gasto para responder é de aproximadamente 20 minutos. Caso surja alguma dúvida, esteja à vontade para entrar em contato e perguntar ao pesquisador responsável.

Se você sofrer qualquer dano decorrente desta pesquisa, sendo ele imediato ou tardio, previsto ou não, você terá o direito de buscar indenização nas instâncias legais. (Item IV - 4.c da Resolução Nº 466 de 12/12/2012). Durante a realização da pesquisa, poderão ocorrer eventuais desconfortos e possíveis riscos, ainda que pequenos. Você pode sentir cansaço por responder as perguntas da pesquisa, pode se sentir constrangido (a) ou entrar em contato com vivências que talvez suscitem sentimentos negativos. Esses riscos poderão ser minimizados se você fizer uma pausa ao responder o questionário. Você também tem o direito de responder apenas o que quiser. Se o desconforto persistir, encerre a atividade imediatamente e entre em contato com os pesquisadores, que oferecerão o suporte necessário. Mesmo após o encerramento, se tiver algum problema relacionado com a pesquisa, você terá direito à assistência gratuita que será prestada pelos pesquisadores, com encaminhamento ao Serviço Escola de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão.

Os benefícios da pesquisa não serão diretos nem imediatos. Entretanto, ela fortalece o conhecimento científico sobre o tema e possui sua importância social ao fornecer mais resultados e embasamentos para pesquisas e tratamentos que visam entender como a assertividade sexual interfere em outros aspectos da vida de uma pessoa, para que, futuramente, sejam desenvolvidas intervenções mais direcionadas.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com seres humanos da Universidade Federal do Maranhão (nº de aprovação a ser inserido aqui). Você tem o direito de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo para você, na sua relação com o pesquisador ou com a instituição, ou seja, você não sofrerá nenhuma penalidade ou terá qualquer prejuízo. Não há nenhum custo para participar desta pesquisa e também não há remuneração ou gratificação por parte de qualquer pessoa envolvida nem ressarcimento, uma vez que não há despesas previstas.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais, visando assegurar o sigilo de sua participação. Os pesquisadores responsáveis se comprometem a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos ao final da pesquisa, sejam eles favoráveis ou não, sem qualquer identificação de indivíduos participantes. Eventuais riscos existentes com a confidencialidade dos dados são relativos a limitações do próprio meio virtual, como vazamento de dados e *hackers*. No sentido de evitar essas ocorrências, todo registro será apagado do ambiente *online*. As informações permanecerão armazenadas apenas nos computadores pessoais dos pesquisadores no período mínimo de cinco anos após o término da pesquisa.

Diante de qualquer dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com os pesquisadores pelo telefone (98) 3272-8335 e pelos emails lucas.gcs@ufma.br e lucas.garrido@discente.ufma.br. Diante de qualquer dúvida sobre a ética desta pesquisa, você deverá ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa/UFMA através do Telefone: (98) 3272-8708 ou por E-mail: cepufma@ufma.br. Você ainda pode ir pessoalmente à sede do CEP, de segunda a sexta, das 08:00h às 12:00h e das 14:00h às 17:00h, no endereço: Avenida dos Portugueses s/n, Campus Universitário do Bacanga, Prédio do CEB Velho, PPPG, Bloco C Sala 07. Os Comitês de Ética em Pesquisa são colegiados interdisciplinares e independentes, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criados para garantir a proteção dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Considerando estes termos, ao participar, você autoriza a divulgação dos dados coletados referentes à sua participação.

Você deve baixar uma cópia deste termo e arquivá-lo

Nele consta o telefone e e-mail do pesquisador e o endereço do Comitê de Ética em Pesquisa, situado na Cidade Universitária, prédio CEB Velho, Universidade Federal do Maranhão.

Ao clicar na opção “Concordo em participar”, você informa que leu todas as informações e declara que concorda em participar da pesquisa nos termos deste TCLE. Caso não concorde em participar, apenas feche a página no seu navegador.

Os pesquisadores ficarão à disposição para eventuais esclarecimentos durante e após a sua participação.

ANEXO B

Roteiro de entrevista semiestruturada para descrição de comportamentos de assertividade sexual

O intuito dessa entrevista é investigar como pessoas adultas brasileiras vivenciam alguns aspectos da sexualidade, mais especificamente a assertividade sexual. Com isso, teremos mais informação para construirmos um teste voltado para avaliar a assertividade sexual.

Primeiro é importante definirmos assertividade sexual. Trata-se da habilidade de defender, em situações relacionadas a sexo, os próprios sentimentos, necessidades e direitos, sem desrespeitar os do outro. Ser sexualmente assertivo é então ser capaz de comunicar aquilo que se deseja – ou o que não se deseja! - quando se trata de sexo. Essas situações podem ter a ver com a penetração, com o sexo oral ou com o toque como preliminar para o sexo.

É comum qualquer pessoa em certas ocasiões não ser assertiva, por achar que desagradar o outro pode lhe trazer dificuldades, o que não significa que ela esteja fora da normalidade ou que não consiga ser assertiva em outras situações. Tem pessoas que têm dificuldade, por exemplo, de dizer para o outro que não querem sexo oral naquele momento, mas, quando se trata de usar camisinha para a penetração, sempre lembram o parceiro.

Farei agora algumas perguntas sobre o tema da assertividade sexual e você pode respondê-las com base no que você vivencia na prática, no que aprendeu ao longo da vida ou ouviu de outras pessoas.

Lembrando que assertividade sexual é a capacidade de se comunicar com o parceiro (que pode ser fixo, temporário ou ocasional) sobre algo envolvendo uma relação sexual, em qualquer momento dela (antes, durante, depois).

- a. Que comportamentos assertivos você considera importantes em uma relação sexual?

- b. Costuma falar de sexo com os amigos? O que em geral você percebe que é mais fácil e o que é mais difícil para seus amigos conversarem sobre as relações sexuais?
- c. Você poderia me contar algum exemplo seu ou de alguém que em alguma situação tinha dificuldade de comunicar aquilo que queria sobre sexo?
- d. Nos relacionamentos, sejam eles fixos, temporários ou ocasionais, o que você acha importante falar para que ambos tenham maior satisfação sexual?
- e. Ao iniciar uma relação sexual propriamente dita, o que você acha importante falar e fazer para que ambos tenham mais satisfação sexual?
- f. Durante uma relação sexual, é comum que o parceiro peça para fazer coisas que você não deseja. Nessas situações, o que você acha que é mais difícil de recusar? E o que é mais fácil?
- g. Quando uma pessoa conhece um novo parceiro, perguntar sobre o histórico sexual dela relacionado aos cuidados que ela teve ou deixou de ter pode ser uma maneira de se prevenir contra riscos sexuais. Como você acha que essas coisas podem ser abordadas em uma conversa?
- h. Agora falando sobre sua relação ou suas relações, tem algum comportamento sexualmente assertivo que você gostaria de desenvolver mais?
- i. Qual tópico relacionado a sexo, para você, é mais difícil de conversar com o parceiro?
- j. Qual tópico relacionado a sexo, para você, é mais fácil de conversar com o parceiro? (Em que quesito é mais fácil ser sexualmente assertivo?)

ANEXO C

Formulário de análise semântica

Olá! Convidamos você para, através deste formulário, realizar a análise semântica dos itens que construímos para compor um novo instrumento de avaliação da assertividade sexual. Com esse instrumento, pretendemos contribuir em futuras intervenções voltadas à prevenção contra comportamentos sexuais de risco, gravidez indesejada, vitimização sexual e à promoção de maior satisfação sexual - abrangendo pessoas de todas as orientações sexuais e gêneros.

Pedimos que você faça duas tarefas:

1. Avalie a qualidade de cada item, atribuindo uma nota de 0 a 10, quanto ao grau de adequação à gramática portuguesa e à facilidade de compreensão. É importante que, em sua versão final, a escrita do item esteja clara, coerente e simples. O que queremos é ter um item final fácil de ler, compreender e que seja acessível a pessoas de escolaridade média ou superior. A sua nota deve ser uma medida do quanto ele está assim.

2. Nos casos em que você avaliar que o item pode ser escrito de uma forma melhor, mais simples, mais compreensível, pedimos que sugira uma nova forma de escrever o item, sem que ele perca o sentido inicial.

Item

O quanto o item está bem escrito? *Claro, compreensível, fácil de ler* () 0 a () 10

Independentemente da nota atribuída, se achar necessário, reescreva o item de modo que ele fique mais bem escrito ou mais fácil de compreender: _____

ANEXO D

Formulário de análise de conteúdo

Olá! Convidamos você para, através deste formulário, realizar a análise do conteúdo dos 57 itens que construímos para compor um novo instrumento de avaliação da assertividade sexual.

Assertividade é uma classe de habilidades sociais que se diz respeito à afirmação de direitos e expressão de pensamentos e sentimentos de maneira apropriada e sem violar os direitos do outro, e envolve um continuum que vai do comportamento passivo até o comportamento agressivo (Del Prette & Del Prette, 2010). A assertividade sexual se trata da assertividade em contextos relacionados a sexo (penetração, sexo oral e toque como preliminar para sexo).

Pedimos que você avalie, em uma escala de 0 a 5, o quanto cada item está dentro do continuum da assertividade sexual. Quanto mais próximo de 5, mais significa que o item representa assertividade, passividade ou agressividade e quanto mais perto de 0, mais significa que o item se distancia do construto assertividade.

PORTANTO, ATENÇÃO AO RESPONDER: alguns itens estão na negativa, ou seja, representam uma dificuldade do indivíduo naquela subclasse (passividade ou agressividade). Ainda que um item avalie um comportamento de passividade ou agressividade, ele continua pertencendo ao construto assertividade sexual em algum grau.

Utilize também uma escala de 0 a 5 para avaliar o quanto cada item seria relevante para a vida das pessoas.

Deixamos ao final um espaço para quaisquer observações que você queira fazer sobre o conteúdo do item, especialmente sugestões de alteração da redação, para que ela fique mais clara para os futuros respondentes.

Item

O quanto o item representa um comportamento de assertividade? 5 = *representa!*

0 = *não é sobre isso.* () 0 a () 5

O quanto é um item que avalia algo relevante para a vida das pessoas? () 0 a () 5

Observações ou sugestões de melhoria na redação do item: _____

ANEXO E

Questionário de caracterização

Em qual região do Brasil você mora? () Nordeste () Sudeste () Sul () Centro-Oeste
() Norte

Qual é a sigla do seu estado? (Exemplo: DF) ____

Quantos anos você tem? Use somente números. ____

Você se identifica como? () Mulher () Homem () Outro

Qual é a sua orientação sexual? () Homossexual () Heterossexual () Bissexual () Outro

Qual é a sua raça/cor? () Indígena () Preta () Amarela () Branca () Parda () Prefiro não responder

Qual é o seu grau de escolaridade mais alto?: () Ensino fundamental completo ou incompleto () Ensino médio completo ou incompleto () Estou cursando uma primeira graduação no momento () Terminei pelo menos um curso de graduação () Terminei um curso de mestrado ou doutorado

O quanto você se considera uma pessoa religiosa? () 0 – nada a () 5- totalmente

Você já teve aulas de educação sexual na escola ou em outro lugar? () Sim () Não () Não sei responder

Qual é o seu status de relacionamento amoroso?: () Não estou em um relacionamento no momento () No momento estou em um relacionamento, mas ele não tem um status definido () Estou em relacionamento sério ou namoro e moramos em casas separadas () Estou em um relacionamento em que moramos na mesma casa (casamento, união estável, etc.)

Há quanto tempo você está em um relacionamento amoroso? ____

Como você definiria seu relacionamento amoroso?

***Monogâmico fechado** - o combinado é duas pessoas se relacionarem apenas entre si. **Aberto** - o combinado é duas pessoas se relacionarem amorosamente apenas entre si, mas poderem fazer sexo com outras pessoas. **Poliamoroso** - mais de duas pessoas podem se relacionar amorosamente entre si.*

() Relacionamento monogâmico fechado () Relacionamento aberto () Relacionamento poliamoroso () Outro

ANEXO F

Questionário de fatores associados a dificuldades no funcionamento sexual

Nesta seção, faremos algumas perguntas sobre sua saúde geral.

Você tem hipertensão arterial? () Não () Sim () Não sei

Você tem diabetes? () Não () Sim () Não sei

Você tem distúrbios da tireoide (hipotireoidismo ou hipertireoidismo)? () Não () Sim () Não sei

Você realiza reposição hormonal? *exemplos: com estrogênio ou testosterona* () Não () Sim () Não sei

Você utiliza bloqueadores hormonais? *exemplos: para tratamento de doenças ou para transição de gênero.* () Não () Sim () Não sei

Você utiliza anticoncepcional hormonal? *exemplos: pílula, adesivo, injeção, implante, DIU hormonal* () Não () Sim () Não sei

Você apresenta atualmente algum problema de saúde mental diagnosticado? *exemplos: depressão ou ansiedade* () Não () Sim () Não sei

Você utiliza algum medicamento do tipo antidepressivo, ansiolítico, antipsicótico, anticonvulsivantes ou anti-hipertensivo? () Não () Sim () Não sei

Você já foi contaminado(a) por alguma infecção sexualmente transmissível (IST)? *São alguns exemplos de IST: herpes genital, sífilis, gonorreia, tricomoníase, infecção pelo HIV, infecção pelo Papilomavírus Humano (HPV), hepatites virais B e C* () Não () Sim () Não sei

Você tem algum distúrbio do sono? *exemplos: apneia, insônia, hipersonia, parassonia.* Não () Sim () Não sei

Você está na andropausa ou na menopausa? *Andropausa: fase da vida que envolve a queda gradual da testosterona (pode ocorrer a partir da meia-idade). Menopausa: fase da vida que envolve o fim da menstruação e alterações hormonais (geralmente por volta dos 45-55 anos).* () Não () Sim () Não sei

Você consome álcool de forma frequente? () Não () Sim () Não sei

Você fuma tabaco com frequência? () Não () Sim () Não sei

Você pratica atividade física com regularidade atualmente? () Não () Sim

Você tem obesidade ou sobrepeso? () Não () Sim () Não sei

Você está no pós-parto recente (últimos 12 meses)? () Não () Sim

Você apresenta dor crônica na região pélvica? *exemplos: endometriose, cistite intersticial, vulvodínia, prostatite crônica, dor persistente após cirurgia.* () Não () Sim () Não sei

Você tem alguma doença cardiovascular? *Exemplos: infarto prévio, angina, insuficiência cardíaca, doença arterial periférica* () Não () Sim () Não sei

Nos últimos 30 dias, você fez uso de medicamentos para disfunção erétil, ainda que de forma recreativa? *Por exemplo: Viagra ou Tadalafila.* () Não () Sim

ANEXO G

Índice de Funcionamento Sexual Feminino (FSFI)

Para terminar, queremos saber sobre seus sentimentos e comportamentos sexuais no último mês

Estas perguntas se referem aos seus sentimentos e comportamentos sexuais durante as últimas **4 semanas**.

As respostas devem ser dadas tendo com base a **mesma pessoa** da seção anterior, ainda que você tenha tido atividades/relações sexuais com outras pessoas no período.

Responda as seguintes perguntas com a maior sinceridade e clareza possível. **Suas respostas serão mantidas completamente confidenciais.**

Para responder às questões use as seguintes definições:

Atividade Sexua/ato sexual: pode incluir afagos, carícias preliminares, masturbação (“punheta”/“siririca”), penetração vaginal e/ou anal e sexo oral;

Estímulo sexual: inclui situações como carícias preliminares com um parceiro, autoestimulação (masturbação) ou fantasia sexual (pensamentos);

Desejo sexual ou interesse sexual: é um sentimento que inclui querer ter atividade sexual, sentir-se receptiva a uma iniciativa sexual de um(a) parceiro(a) e pensar ou fantasiar sobre sexo;

Excitação sexual: é uma sensação que inclui aspectos físicos e mentais (pode incluir sensações como calor ou inchaço dos genitais, lubrificação – sentir-se molhada/“vagina molhada”/“tesão vaginal” –, ou contrações musculares).

1 - Nas últimas 4 semanas com quem frequência (quantas vezes) você sentiu desejo ou interesse sexual?

- Quase sempre ou sempre
- A maioria das vezes (mais do que a metade do tempo)
- Algumas vezes (cerca de metade do tempo)
- Poucas vezes (menos da metade do tempo)
- Quase nunca ou nunca

2 - Nas últimas 4 semanas como você avalia o seu grau de desejo ou interesse sexual?

- Muito alto
- Alto
- Moderado
- Baixo
- Muito baixo ou absolutamente nenhum

3 - Nas últimas 4 semanas, com que frequência (quantas vezes) você se sentiu sexualmente excitada durante a atividade sexual ou ato sexual?

- Sem atividade sexual
- Quase sempre ou sempre
- A maioria das vezes (mais do que a metade do tempo)
- Algumas vezes (cerca de metade do tempo)

- Poucas vezes (menos da metade do tempo)
- Quase nunca ou nunca

4 - Nas últimas 4 semanas, como você classificaria seu grau de excitação sexual durante a atividade ou ato sexual?

- Sem atividade sexual
- Muito alto
- Alto
- Moderado
- Baixo
- Muito baixo ou absolutamente nenhum

5 - Nas últimas 4 semanas, como você avalia seu grau de segurança para ficar sexualmente excitada durante a atividade ou ato sexual?

- Sem atividade sexual
- Segurança muito alta
- Segurança alta
- Segurança moderada
- Segurança baixa
- Segurança muito baixa ou sem segurança

6 - Nas últimas 4 semanas, com que frequência (quantas vezes) você ficou satisfeita com a sua excitação sexual durante a atividade ou ato sexual?

- Sem atividade sexual
- Quase sempre ou sempre
- A maioria das vezes (mais do que a metade do tempo)
- Algumas vezes (cerca de metade do tempo)
- Poucas vezes (menos da metade do tempo)
- Quase nunca ou nunca

7 - Nas últimas 4 semanas, com que frequência (quantas vezes) você teve lubrificação vaginal (ficou com a “vagina molhada”) durante a atividade sexual ou o ato sexual?

- Sem atividade sexual
- Quase sempre ou sempre
- A maioria das vezes (mais do que a metade do tempo)
- Algumas vezes (cerca de metade do tempo)
- Poucas vezes (menos da metade do tempo)
- Quase nunca ou nunca

8 - Nas últimas 4 semanas, como você avalia sua dificuldade em ter lubrificação vaginal (ficar com a “vagina molhada”) durante o ato sexual ou atividades sexuais?

- Sem atividade sexual
- Extremamente difícil ou impossível
- Muito difícil
- Difícil
- Ligeiramente difícil

Nada difícil

9 - Nas últimas 4 semanas, com que frequência (quantas vezes) você manteve a lubrificação vaginal (ficou com a “vagina molhada”) até o final da atividade ou ato sexual?

- Sem atividade sexual
- Quase sempre ou sempre
- A maioria das vezes (mais do que a metade do tempo)
- Algumas vezes (cerca de metade do tempo)
- Poucas vezes (menos da metade do tempo)
- Quase nunca ou nunca

10 - Nas últimas 4 semanas, qual foi sua dificuldade em manter a lubrificação vaginal (“vagina molhada”) até o final da atividade ou ato sexual?

0 = Sem atividade sexual

- Extremamente difícil ou impossível
- Muito difícil
- Difícil
- Ligeiramente difícil
- Nada difícil

11 - Nas últimas 4 semanas, quando teve estímulo sexual ou ato sexual, com que frequência (quantas vezes) você atingiu o orgasmo (“gozou”)?

- Sem atividade sexual
- Quase sempre ou sempre
- A maioria das vezes (mais do que a metade do tempo)
- Algumas vezes (cerca de metade do tempo)
- Poucas vezes (menos da metade do tempo)
- Quase nunca ou nunca

12 - Nas últimas 4 semanas, quando você teve estímulo sexual ou ato sexual, qual foi sua dificuldade em atingir o orgasmo (“clímax/gozou”)?

- Sem atividade sexual
- Extremamente difícil ou impossível
- Muito difícil
- Difícil
- Ligeiramente difícil
- Nada difícil

13 - Nas últimas 4 semanas, o quanto você ficou satisfeita com sua capacidade de atingir o orgasmo (“gozar”) durante a atividade ou ato sexual?

- Sem atividade sexual
- Muito satisfeita
- Moderadamente satisfeita
- Quase igualmente satisfeita e insatisfeita
- Moderadamente insatisfeita
- Muito insatisfeita

14 - Nas últimas 4 semanas, o quanto você esteve satisfeita com a proximidade emocional entre você e seu/sua parceiro(a) durante a atividade sexual?

- Sem atividade sexual
- Muito satisfeita
- Moderadamente satisfeita
- Quase igualmente satisfeita e insatisfeita
- Moderadamente insatisfeita
- Muito insatisfeita

15 - Nas últimas 4 semanas, o quanto você esteve satisfeita com o relacionamento sexual entre você e seu/sua parceiro(a)?

- Muito satisfeita
- Moderadamente satisfeita
- Quase igualmente satisfeita e insatisfeita
- Moderadamente insatisfeita
- Muito insatisfeita

16 - Nas últimas 4 semanas, o quanto você esteve satisfeita com sua vida sexual de um modo geral?

- Muito satisfeita
- Moderadamente satisfeita
- Quase igualmente satisfeita e insatisfeita
- Moderadamente insatisfeita
- Muito insatisfeita

ANEXO H

Índice de Função Sexual Masculina (MSFI)

Para terminar, queremos saber sobre seus sentimentos e comportamentos sexuais no último mês

Estas perguntas se referem aos seus sentimentos e comportamentos sexuais durante as últimas **4 semanas**.

As respostas devem ser dadas tendo como base a **mesma pessoa** da seção anterior, ainda que você tenha tido atividades/relações sexuais com outras pessoas no período.

Responda as seguintes perguntas com a maior sinceridade e clareza possível. **Suas respostas serão mantidas completamente confidenciais.**

Para responder a estas perguntas, tenha em mente as seguintes definições:

Atividade sexual: Pode incluir carícias, preliminares, masturbação, relação sexual com penetração vaginal e/ou anal.

Relação sexual: É definida como penetração do pênis na vagina e/ou ânus.

Estimulação sexual: Inclui situações como preliminares com um(a) parceiro(a), autoestimulação (masturbação), ou fantasia sexual.

Desejo ou interesse sexual: É um sentimento que inclui a vontade de ter uma experiência sexual; sentir-se receptivo à iniciativa sexual de um(a) parceiro(a); imaginar ou fantasiar sobre ter relações sexuais.

Excitação sexual é um sentimento de entusiasmo que inclui tanto aspectos físicos e mentais. Pode incluir sensação de calor ou formigamento nos órgãos genitais ou ereção peniana (pênis ereto).

1. Nas últimas 4 semanas, com que **frequência** (quantas vezes) você sentiu desejo ou interesse sexual?

- Quase sempre ou sempre
- A maioria das vezes (mais da metade do tempo)
- Às vezes (cerca da metade do tempo)
- Algumas vezes (menos da metade do tempo)
- Quase nunca ou nunca

2. Nas últimas 4 semanas, como você avalia seu **nível** (grau) de desejo ou interesse sexual?

- Muito alto
- Alto
- Moderado
- Baixo
- Muito baixo ou nenhum

3. Nas últimas 4 semanas, com que **frequência** você se sentiu sexualmente excitado durante a atividade sexual ou relação sexual?

- Nenhuma atividade sexual nas últimas 4 semanas
- Quase sempre ou sempre
- A maioria das vezes (mais da metade do tempo)
- Às vezes (cerca da metade do tempo)
- Algumas vezes (menos da metade do tempo)
- Quase nunca ou nunca

4. Nas últimas 4 semanas, como você avalia seu **nível** (grau) de excitação sexual durante a atividade sexual ou relação sexual?

- Nenhuma atividade sexual nas últimas 4 semanas
- Muito alto
- Alto
- Moderado
- Baixo
- Muito baixo ou nenhum

5. Nas últimas 4 semanas, o quão **confiante** você estava sobre ficar sexualmente excitado durante a atividade sexual ou relação sexual?

- Nenhuma atividade sexual nas últimas 4 semanas
- Confiança muito alta
- Confiança alta
- Confiança moderada
- Confiança baixa
- Confiança muito baixa ou nenhuma confiança

6. Nas últimas 4 semanas, com que **frequência** você se sentiu satisfeito com sua excitação durante a atividade sexual ou relação sexual?

- Nenhuma atividade sexual nas últimas 4 semanas
- Quase sempre ou sempre
- A maioria das vezes (mais da metade do tempo)
- Às vezes (cerca da metade do tempo)
- Algumas vezes (menos da metade do tempo)
- Quase nunca ou nunca

7. Nas últimas 4 semanas, com que **frequência** você teve ereção durante a atividade sexual ou relação sexual?

- Nenhuma atividade sexual nas últimas 4 semanas
- Quase sempre ou sempre
- A maioria das vezes (mais da metade do tempo)
- Às vezes (cerca da metade do tempo)
- Algumas vezes (menos da metade do tempo)
- Quase nunca ou nunca

8. Nas últimas 4 semanas, com que **frequência** você teve dificuldades para ter ereção durante a atividade sexual ou relação sexual?

- Nenhuma atividade sexual nas últimas 4 semanas
- Quase sempre ou sempre
- A maioria das vezes (mais da metade do tempo)
- Às vezes (cerca da metade do tempo)
- Algumas vezes (menos da metade do tempo)
- Quase nunca ou nunca

9. Nas últimas 4 semanas, com que frequência você **manteve** sua ereção até completar a atividade sexual ou relação sexual?

- Nenhuma atividade nas últimas 4 semanas
- Quase sempre ou sempre
- A maioria das vezes (mais da metade do tempo)
- Às vezes (cerca da metade do tempo)
- Algumas vezes (menos da metade do tempo)
- Quase nunca ou nunca

10. Nas últimas 4 semanas, o quão **difícil** foi manter a sua ereção até completar a atividade sexual ou relação sexual?

- Nenhuma atividade sexual nas últimas 4 semanas
- Extremamente difícil ou impossível
- Muito difícil
- Difícil
- Um pouco difícil
- Nada difícil

11. Nas últimas 4 semanas, quando você teve estimulação sexual ou relação sexual, com que frequência você atingiu o orgasmo (gozou)?

- Nenhuma atividade sexual nas últimas 4 semanas
- Quase sempre ou sempre
- A maioria das vezes (mais da metade do tempo)
- Às vezes (cerca da metade do tempo)
- Algumas vezes (menos da metade do tempo)
- Quase nunca ou nunca

12. Nas últimas 4 semanas, quando você teve estimulação sexual ou relação sexual, o quão **difícil** foi para você atingir o orgasmo (gozar)?

- Nenhuma atividade sexual nas últimas 4 semanas
- Extremamente difícil ou impossível
- Muito difícil
- Difícil
- Um pouco difícil
- Nada difícil

13. Nas últimas 4 semanas, o quanto você ficou **satisfeito** com sua capacidade de atingir o orgasmo (gozar) durante a atividade sexual ou relação sexual?

- Nenhuma atividade sexual nas últimas 4 semanas
- Muito satisfeito
- Moderadamente satisfeito
- Nem satisfeito, nem insatisfeito
- Moderadamente insatisfeito
- Muito insatisfeito

14. Nas últimas 4 semanas, o quanto você ficou **satisfeito** com a proximidade emocional entre você e sua(seu) parceira(o) durante a atividade sexual ou relação sexual?

- Nenhuma atividade sexual nas últimas 4 semanas
- Muito satisfeito
- Moderadamente satisfeito
- Nem satisfeito, nem insatisfeito
- Moderadamente insatisfeito
- Muito insatisfeito

15. Nas últimas 4 semanas, o quanto você ficou **satisfeito** com o seu relacionamento sexual com sua(seu) parceira(o)?

- Nenhuma atividade sexual nas últimas 4 semanas
- Muito satisfeito
- Moderadamente satisfeito
- Nem satisfeito, nem insatisfeito
- Moderadamente insatisfeito
- Muito insatisfeito

16. Nas últimas 4 semanas, o quanto você ficou **satisfeito** com a sua vida sexual como um todo?

- Muito satisfeito
- Moderadamente satisfeito
- Nem satisfeito, nem insatisfeito
- Moderadamente insatisfeito
- Muito insatisfeito

ANEXO I

Single-Item Self-Esteem Scale (SISES); Single-Item Measure of Sexual Satisfaction; Single-Item Measure of Relationship Satisfaction; Single-Item Relationship Satisfaction, Love, Conflict, and Commitment Measures; Item único de percepção sobre a satisfação do/da parceiro/a com o relacionamento; Item único de percepção sobre a satisfação sexual da/do parceira/o; Item único de Autoestima Sexual.

Eu tenho uma autoestima elevada () 1 – não é muito verdadeiro sobre mim a () 7 – é muito verdadeiro sobre mim

Nos últimos dois meses, o quanto você está sexualmente satisfeita/o com sua/seu parceira/o?
() 1 – muito insatisfeita/o a () 5 – muito satisfeita/o

Nos últimos dois meses, o quanto você está satisfeito/a com a relação que você tem com seu/sua parceiro/a () 1 – muito insatisfeita/o a () 5 – muito satisfeita/o

Até que ponto você ama [seu/sua parceiro(a)] neste momento? () 1 – nem um pouco a () 7 – extremamente/muito

O quanto o seu relacionamento é conflituoso? () 1 – nem um pouco a () 7 – extremamente/muito

O quanto você se considera comprometido(a) no relacionamento com seu/sua parceiro(a)? () 1 – nem um pouco a () 7 – extremamente/muito

O quanto você acha que seu/sua parceiro/a está satisfeito/a com o relacionamento de vocês?
() 1 – muito insatisfeito/a a () 5 – muito satisfeito/a

Nos últimos dois meses, o quanto você acha que sua/seu parceira/o está sexualmente satisfeita/o com você? () 1 – muito insatisfeito/a a () 5 – muito satisfeito/a

Acredito que tenho um bom desempenho no sexo *Esse item diz respeito a transar/fazer sexo de forma a gerar prazer para si e para a/o parceira(o).* () 0 – discordo completamente a () 5 – concordo completamente